

Adelino Tavares de Pinho

**Pela educação
e pelo trabalho**
E OUTROS ESCRITOS



ADELINO TAVARES DE PINHO, nasceu em 21 de janeiro de 1885 na província de Aveiro (Portugal) e chegou ao Brasil em 20 de outubro de 1906. São poucas as informações sobre sua juventude. Aos 22 anos se tornou professor da Escola Social, vinculada à Liga Operária, em Campinas, onde colocou em prática, já em meados de 1907, a pedagogia racionalista, sendo, sem dúvida, um de seus pioneiros divulgadores. Posteriormente mudou-se para São Paulo, onde se tornou diretor da Escola Moderna N.º 2. Adelino foi um grande entusiasta das ideias de Francisco Ferrer y Guardia, sendo um dos divulgadores mais vibrantes de seu martírio e de sua pedagogia.

Adelino Tavares de Pinho

**Pela educação
e pelo trabalho
E OUTROS ESCRITOS**

Capa: Caio Moretto Ribeiro

Seleção e preparação de textos: Adriano Skoda
Rodrigo Rosa da Silva e Vitor Ahagon

Projeto gráfico e diagramação:
Adriano Skoda e Diana Pellegrini

Biblioteca Terra Livre

Caixa Postal 195, CEP 01031-970
São Paulo-SP, Brasil
bibliotecaterralivre@gmail.com
bibliotecaterralivre.noblogs.org



*É livre a reprodução para fins não comerciais, desde
que esta nota seja incluída e a autoria seja citada*

1ª Reimpressão

Impresso no Brasil
2013

Adelino Tavares de Pinho

Pela educação e pelo trabalho

E OUTROS ESCRITOS

Organização
Biblioteca Terra Livre



Sumário

Apresentação	07
Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista	11
Folhetos	
Pela educação e pelo trabalho	25
Quem não trabalha não come	47
Artigos	
Francisco Ferrer e sua obra	81
Francisco Ferrer	89
A escola	91
A escola, prelúdio da caserna	93
A Escola Moderna ou racional	97
União e instrução, exórdio de uma palestra	101
Novos horizontes, novas esperanças	105
O que nós prevíamos	109
Contraste flagrante	113
Fanfarronices burguesas	117
Contra-revolução alemã, os magnos historiões	121
Ecos e notas I	125
Ecos e notas II	127
Ecos e notas III	129
Cartas	
Carta a João Penteado (1944)	133
Carta a João Penteado (1955)	135

Apresentação

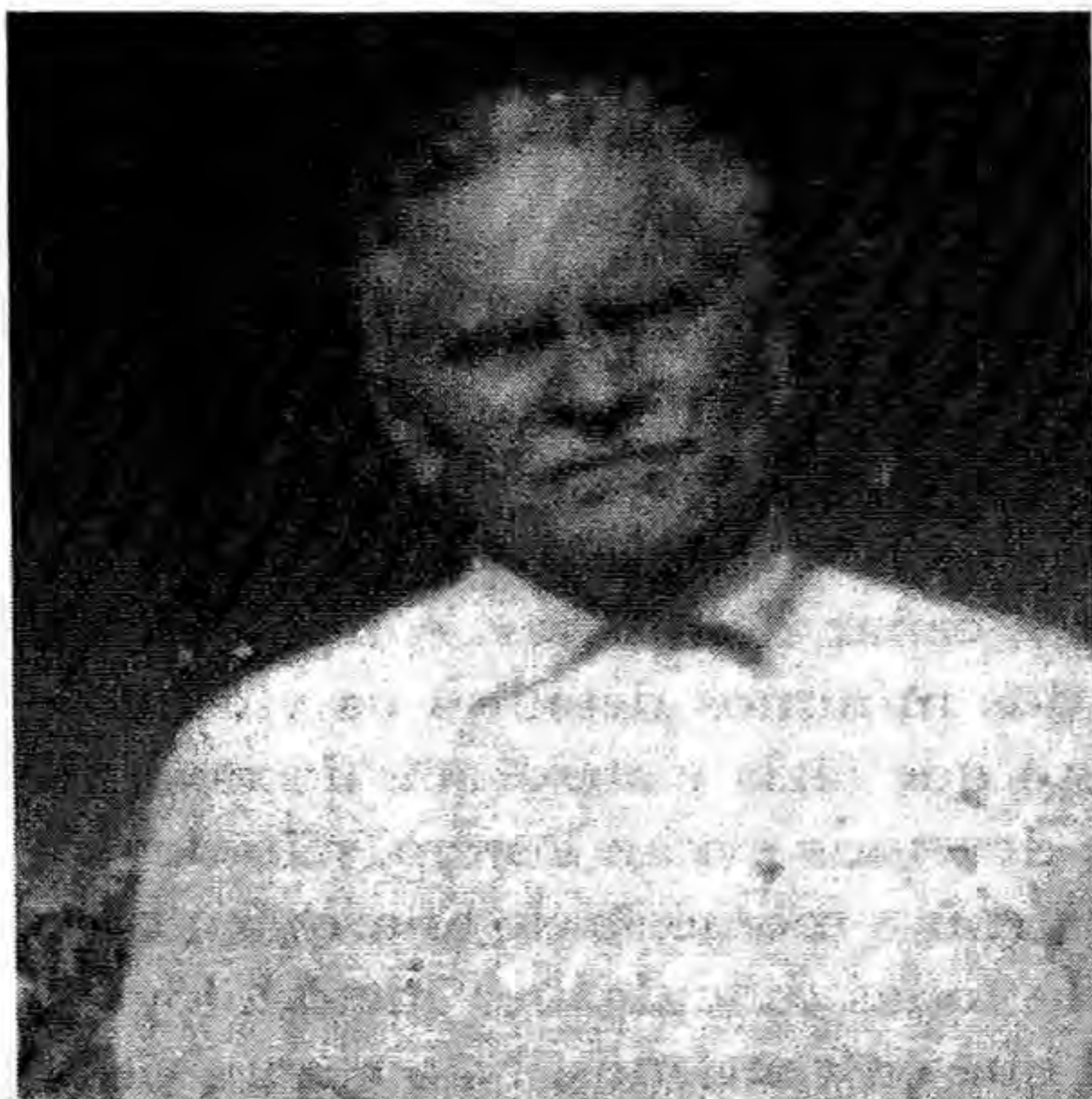
Mas nem só de pão vive o homem. O homem tem necessidade de livros, de música, de estátuas, de pintura, de paisagens. Logo, a par dum trabalhador, devemos fazer um pensador.

Adelino de Pinho

Recontar a vida de uma pessoa em poucas palavras é uma tarefa difícil. Os acontecimentos que se sucedem ao longo da vida de cada indivíduo são tão plurais e diversificados que o intento de traduzi-los em um texto parece um esforço que ninguém é capaz de realizar. A busca de uma “biografia total”, saber dos mínimos detalhes da vida do biografado, o que pensava, o que fazia e até o que deixava de fazer, é uma quimera que devemos evitar. Porém, não devemos deixar de buscar reconstruir a memória do anarquismo no Brasil, mesmo admitindo todas dificuldades metodológicas e de fontes documentais que enfrentamos. Não vamos desvendar toda a rica experiência, muito menos o pensamento desse anarquista e educador por toda a vida, que sempre se preocupou com os rumos da educação, principalmente dos operários com menos condições econômicas. Sua trajetória de vida, mas ainda mais sua obra política e sua militância justificam o lançamentos deste livro, bem como nosso esforço em traçar um breve perfil biográfico de Adelino de Pinho, português radicado no Brasil que se tornou conhecido por ter sido diretor da Escola Moderna nº 2 em São Paulo. Apesar disso, sua vida e obra continuam desconhecidas por grande parte do público interessado em questões sociais e na história da educação brasileira.

Não há nenhum estudo sobre, nenhuma de suas obras

foram reeditadas nesses mais de 100 anos que nos separam de seus primeiros escritos, há poucos estudos que o citam¹, somente agora uma dissertação de mestrado em história será dedicada a desvendar os “passos libertários” desse velho militante da educação e do sindicalismo libertário brasileiro². Nós contribuímos com a (re)construção de nossa memória dando



Arquivo de Edgar Rodrigues. Publicada originalmente no livro *Novos Rumos* (1978), editora Mundo Livre, e cedida por Marcolino Jeremias.

à luz esse livro que compila alguns de seus escritos, tendo a certeza de não ser esse uma reunião de tudo o que Pinho produziu, mas sim, uma pequena dose de verdadeiras palavras de revolta e esperança de uma terra livre construída através do

1. Os quais indicamos ao final como sugestão de leitura.

2. Trata-se de pesquisa desenvolvida desde 2012 no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) por Vitor Ahagon, intitulada “A trajetória de Adelino de Pinho: passos libertários na educação e no sindicalismo”.

trabalho coletivo e da educação de todos.

Tentamos assim, imprimir o nome de Adelino de Pinho no rol dos grandes pedagogos que impulsionaram uma das mais importantes propostas educacionais neste país, voltada para a alfabetização da classe operária e a implantação de um ensino misto, laico, livre e racional.

Claro que não nos furtamos a recordar que todo texto deve-se ler com a mente aberta e o olhar crítico. Adelino de Pinho foi um homem de seu tempo, envolto nos debates teóricos e proposições científicas em voga ao final do século XIX e começo do século XX, sujeito tanto a seus avanços como a suas limitações. Sabemos que o leitor saberá tirar suas próprias conclusões e utilizá-las da maneira que acreditar mais útil. Só pedimos não julgar *a priori*, sem reflexão ou contextualização, a um operário e intelectual autodidata que entregou-se à dura luta nas barricadas durante as greves, mas também nas trincheiras mais obscuras e obscurantistas das salas de aula, dominadas por clérigos, generais e deputados.

Por ser um personagem central e um dos principais pensadores dentro da renovação pedagógica proposta pelos anarquistas nos primeiros anos do século XX — ao lado de João Penteado, Florentino de Carvalho e muitos outros; por ter sido um militante que muito contribuiu para a luta pela emancipação dos trabalhadores através de suas associações de classe; por ter sempre apoiado e trabalhado para a manutenção de uma imprensa livre e libertária; por ter resistido aos golpes da repressão estatal e às ditaduras que vivemos ao longo de nossa história: nós dedicamos a você, companheiro Adelino, esta publicação, convictos de que suas palavras não morrerão jamais e que sua vida será sempre um exemplo para nós e para as gerações futuras, pelas quais você dedicou toda a vida.

Biblioteca Terra Livre

Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista

Rodrigo Rosa da Silva
Vitor Ahagon

Adelino Tavares de Pinho, filho de Francisco Tavares de Pinho e de Maria de Jesus Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1885 na província de Aveiro, norte de Portugal e chegou ao Brasil em 20 de outubro de 1906, aportando, aparentemente, em Belém do Pará.

São poucas as informações sobre sua juventude. Há indícios de atividade ligada ao anarquismo antes mesmo de completar 20 anos, ainda em Portugal. Em 1904 aparece como tradutor de um folheto de José Prat, expoente do anarco-sindicalismo espanhol. Assina a apresentação, datada em 28 de março de 1904 na cidade do Porto. Portanto, foi no Brasil que desenvolveu mais ativamente sua militância anarquista, inserindo-se rapidamente nos meios operários e libertários de São Paulo.

Foi guarda-livros, “motorneiro, e analfabeto até a idade adulta. Instruindo-se por conta própria, graças à intensa paixão cultural dos meios anarquistas”¹. Na década de 1930, a polícia política de Getúlio Vargas fichava-o como “professor”², e foi à docência que dedicou boa parte de sua vida.

Primeiramente, atuou em Campinas, se tornando professor da Escola Social, vinculada à Liga Operária de Campinas,

1 CANDIDO, Antônio. *Teresina e seus amigos*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

2 Prontuário DEOPS/SP nº 4 – Adelino Tavares de Pinho. Arquivo do Estado/SP.

onde colocou em prática, já em meados de 1907, a pedagogia racionalista, sendo, sem dúvida, um de seus pioneiros divulgadores. A escola foi inaugurada em 24 de fevereiro de 1907, contando com Renato Salles como professor, além do próprio Adelino, sendo verificada a presença de representantes de diversas entidades operárias da região e representante da Federação Operária de São Paulo (FOSP). Essa experiência, ao lado de outras anteriores como a Escola Germinal no bairro do Bom Retiro em São Paulo, ainda pouco conhecidas e estudadas, foram, sem dúvida, base importante para o posterior desenvolvimento da rede de escolas racionalistas que surgiram e se espalharam pelo Brasil na década seguinte.

Ao final do ano escolar de 1908, Adelino de Pinho proferiu a conferência “Pela educação e pelo trabalho” — convertida em folheto e que dá nome a esta compilação. Essa foi uma das primeiras e também mais importantes contribuições à reflexão e difusão da educação anarquista. Em sua fala Pinho estabelece as bases teóricas e as propostas práticas do racionalismo pedagógico, motivo pelo qual podemos concluir que ele estava inteirado das mais recentes produções sobre o tema e era um exímio conhecedor das propostas de Francisco Ferrer y Guardia, bem como de uma gama de pensadores libertários.

Desde essa época demonstra certa erudição, utilizando conceitos de diversos autores e ciências para construir seu pensamento: Kropotkin, Reclus, Robin, Ferrer, Ruskin; pedagogia, sociologia, psicologia, biologia, puericultura. Interpreta os fatos a partir das escolas e teorias em voga na sua época: positivismo, determinismo, neo-malthusianismo. Mas também tem forte caráter socialista, obreirista e, acima de tudo, incontestavelmente anarquista.

Não fosse sua vida e obra ainda muito mais extensa, arriscaríamos dizer que esse opúsculo seria o suficiente para colocá-lo nos umbrais dos grandes pedagogos de língua portuguesa por seu caráter inovador e por sua desenvoltura ao tratar dos temas

pedagógicos associados, sempre, às questões sociais.

Já em São Paulo, alguns anos mais tarde, tornou-se diretor da Escola Moderna nº2 (que inicialmente esteve sob a direção de Florentino de Carvalho) e trabalhou lado a lado com João Penteado³, que assumiu a direção da Escola Moderna nº 1. A abertura de ambas, em 1912, foi fruto dos trabalhos do Comitê Pró-Escola Moderna, constituído logo após o fuzilamento do educador catalão Francisco Ferrer y Guardia em fins de 1909. Tal comitê possuía seções tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro e outras cidades do interior e contava com a participação de diversos militantes operários, mas também de pequenos comerciantes e até industriais que se identificavam com as propostas educacionais dos “livre-pensadores”. Angariaram fundos através de eventos, festas, venda de livros, postais, medalhas, rifas e listas de colaboração voluntária individuais e coletivas. Muitos sindicatos apoiaram economicamente a empreitada, inclusive a Confederação Operária Brasileira (C.O.B.).

A Escola Moderna nº 2 foi instalada, inicialmente, na Rua Müller, no bairro do Brás. Depois mudou-se para a Rua Oriente, 166 e, finalmente, fixou-se na Rua Maria Joaquina, 13, sendo esta última, provavelmente sua residência até meados dos anos 1930.

Adelino foi um grande entusiasta das ideias de Francisco Ferrer, sendo um dos divulgadores mais vibrantes de seu martírio e de sua pedagogia. Desde sua fundação, aulas eram dadas para meninos e meninas juntos, firmando o princípio de coeducação de sexos propugnado por Ferrer. Também eram realizadas excursões para que os estudantes tivessem contato com a realidade cotidiana e com a natureza. O horário de funcionamento era assim organizado: ensino primário e médio para crianças e jovens, das 11h às 16h e adultos, das 19h às 21h. Pagava-se uma mensalidade de acordo com as possibilidades de cada um, e aqueles não dispunham de

3 Para saber mais sobre João Penteado ver as obras de Santos, Calsavara, Rodrigues e Fregoni, nas “Sugestões de leitura” ao final deste capítulo.

meios para custear o ensino colaboravam com materiais básicos ou participavam das atividades realizadas pela escola para arrecadação de fundos.

Para atingir seus objetivos pedagógicos, também foi criado um o jornal denominado *O Início*, dirigido e redigido pelas próprias crianças. Nele João Penteado visava por um lado fornecer informações das atividades sociais, debater a conjuntura nacional e internacional, registrar e rememorar as datas e fatos relevantes do movimento operário e, por outro, e muito mais importante, divulgar os trabalhos e produções escritas pelos próprios alunos da Escola, transformando-os em agentes ativos do processo pedagógico. Através das páginas de *O Início* é possível tomar contato com parte do cotidiano da escola, seus materiais, suas instalações, métodos e valores.

As duas Escolas Modernas de São Paulo editaram também o Boletim da Escola Moderna, a exemplo do que ocorria na Escuela Moderna de Barcelona (1901-1906) de Ferrer y Guardia. Esta publicação era dedicada à propaganda das ideias libertárias e à difusão da obra racionalista no país, mas também foi um espaço importante de reflexão teórica sobre educação.

As Escolas Modernas foram fechadas em 1919, após a morte do diretor da Escola Moderna nº 3 (São Caetano do Sul), vítima de uma explosão ocorrida em uma casa no Brás. Este fato serviu como justificativa para que o Diretor Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson, pudesse mandar cassar, em caráter definitivo, a licença de funcionamento da Escola Moderna nº 1 e nº 2, acusando-as de serem promotoras do anarquismo em terras brasileiras. Os recursos impetrados e o *habeas corpus* não surtiram efeito e todas os três estabelecimentos foram clausurados.

Porém, João Penteado reabre sua escola com um novo nome — Escola Nova — que, em pouco tempo, transforma-se em Escola de Comércio, oferecendo cursos profissionalizantes, e logo será a Academia de Comércio Saldanha Marinho, onde Adelino acabou lecionando ainda por algum tempo.

Posteriormente, Adelino de Pinho mudou-se para Poços de Caldas (MG), onde deu continuidade ao seu trabalho docente, desenvolvendo a educação racionalista em aulas particulares em sua própria casa - com um sala de aula improvisada - ainda por muitos anos, sendo responsável pela alfabetização de muitas crianças daquela cidade.

Adelino, além de participar de experiências educacionais como foi o caso da Escola Social e da Escola Moderna, participava ativamente de outros espaços de propaganda e difusão do anarquismo. Frequentemente era chamado à proferir palestras e conferências sobre variados temas em associações operárias e escolas, função na qual, aparentemente obteve grande êxito, pois algumas de suas intervenções públicas acabaram sendo publicadas nas páginas de diversos periódicos libertários. Era também um anticlerical militante e sempre tecia duras críticas à “canalha” religiosa em suas palestras ou artigos.

Adelino acreditava no importante papel da imprensa anarquista na formação e instrução dos trabalhadores. Por isso podemos encontrar várias colaborações de sua autoria em meios como o Boletim da Escola Moderna, a revista A Vida, os jornais A Rebelião e A Lanterna, principalmente, A Plebe, jornal que manteve em funcionamento na década de 1930 no período de ausência de Rodolpho Felipe por motivo de sua prisão, tornando-se figura chave para a divulgação de um importante jornal anarquista, como é relatado em seu prontuário do DEOPS:

Ficamos sabendo que Rodolpho Felipe, na Plebe, não passa de simples figura decorativa, porque quem tudo faz é um tal de Adelino de Pinho.⁴

Seus escritos nestes jornais, muitas vezes assinados com o pseudônimo de Pinho de Riga⁵, deixam claro quais eram,

4 Doc. 2, Prontuário DEOPS-SP nº 4 – Adelino de Pinho.

5 RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros – 1*. Rio de Janeiro: Editores Associados, 1994.

na sua opinião, os pilares do mal da sociedade capitalista: a guerra, o exército, a ignorância e o governo, todos em conluio contra os oprimidos. No artigo intitulado “A escola, prelúdio da caserna”, presente neste volume, Adelino faz uma severa crítica à escola de sua época, seja ela confessional ou governamental, afirmando que nesses lugares era promovida a “sistematização da violência”, isto porque

Os estados modernos, compreendendo perfeitamente que a decadência da religião e com o desenvolvimento comercial e industrial das sociedades, era impossível manter na ignorância suína dos tempos idos, as multidões abriram escolas, as mais que puderam, especialmente nas cidades onde os agrupamentos são maiores e onde as ideias se disseminam mais facilmente, porque há mais sociabilidade, para por esse meio lançarem mão dos cérebros infantis e modelá-los a seu bel prazer, enchendo-os de fórmulas metafísicas e abarrotando-os de palavrões estragados, como pátria, fronteira, estrangeiro e inimigos, acostumando os ternos infantes a desconfiar dos outros povos e a precaver-se contra eles, o que leva os de país estrangeiro a fazer o mesmo e vice-versa. Os professores primários transformaram-se numa espécie de instrutores de soldados e a escola surgiu como antessala do quartel.

E completa:

As novas gerações, saídas desse antro de desmoralizações, que outra coisa poderiam dar a não ser bons soldados? A força de falarem ouvir de amor à pátria — dos ricos — de ver desfilar regimentos, de assistirem as paradas, de ouvirem e entoarem canções ferozes de chauvinismo e hinos triunfais de guerra, tomaram como fim e missão a atingir serem bons soldados, obedientes à disciplina e à voz de seus chefes, prontos a arremesarem-se contra os trabalhadores em greve ou contra os povos de outros países, desde que os interesses dos monetários e ricos capitalistas assim o exigissem.

Os escritos de Adelino, e de muitos outros anarquistas, em jornais e revistas podem ser encarados como mais uma forma

de instrução, que hoje chamaríamos “não-formal”, tanto para trabalhadores quanto para seus filhos. Isso torna-se mais evidente quando observamos o conteúdo desses materiais e os espaços em que eram distribuídos:

Esses veículos de comunicação tinham como meta explicar, de forma pedagógica, a luta internacional contra o capital e a necessidade da participação ativa nas organizações operárias, além de propagar denúncias contra injustiças sociais e propiciar uma visão histórica a partir do mirante dos trabalhadores. Nesse sentido, os periódicos eram encontrados em espaços autônomos e independentes do Estado, como: centros de estudos, centros de cultura, ateneus, bibliotecas, sindicatos e escolas, sendo de fácil acesso tanto para leitura quanto para os interessados em fazê-los circular.⁶

Portanto, a atuação de um militante anarquista naquele período de efervescência política da classe trabalhadora passava por diversos ambientes e diferentes práticas: o trabalho, a escola, o sindicato, o jornal, o teatro, os piqueniques. Havia um espaço de sociabilidade e ao mesmo tempo de aprendizagem nos meios libertários. Adelino de Pinho transitou por todos eles, formando-se na prática cotidiana e colaborando na formação dos demais, transformando em ações a ideia de Kropotkin sobre o apoio mútuo.

Adelino foi um autodidata. Neste sentido, percebemos a importância da autoformação nos meios libertários, prática exercida em todo o meio proletário, mas que tornou-se um fator importantíssimo na militância anarquista, que podemos observar em casos como do próprio Adelino, de Jaime Cubero e de muitos outros. A importância dada à educação possui critérios bem definidos, pois para aquele que se instrui, portanto, “para o autodidata, não interessa apenas a aquisição dos ‘mecanismos’ de leitura, mas, para além do domínio das conexões das letras, palavras, números,

⁶ DAMIRO, José. *Leitura que recomendamos: o que todos devem ler*, p. 5.

juízos, são as reflexões e as análises críticas da realidade imediata, mediata e mais fundamental, que são almejadas”⁷. Instruir-se não significa apenas acúmulo de conhecimentos, tornando-se um indivíduo mais iluminado, mas sim de apropriar-se de todo um arcabouço de conceitos e reflexões que possibilitem a intervenção do sujeito no mundo, possibilitando a criação de novas realidades. Este autodidata busca o conhecimento não porque isto irá lhe oferecer oportunidade para melhorar de vida, mas sim porque quer, fundamentalmente, mudá-lo, transformá-lo sempre.

Pinho, em sua palestra “Pela educação e pelo trabalho”, aborda, por exemplo, a questão da aquisição de diplomas, questionando a própria legitimidade desse documento enquanto prova da capacidade real do profissional em realizar tarefas que, a princípio, são capazes de realizar independente de uma comprovação formal e burocrática. A abstração da oficialidade do documento não garante a competência da realização dos trabalhos, a qual só podemos nos assegurar na prática, na realização do trabalho concreto. O diploma serve apenas para a manutenção do status quo enquanto legitimador de uma suposta autoridade que possui a “ciência” de realizar tal ou qual atividade, mas que não garante a transformação efetiva da realidade social e econômica. Pode ser entendido como um meio de ascensão social e não de transformação. Portanto, o conhecimento para os anarquistas não está na ascensão à posição de cientista. O que lhes interessa é um conhecimento científico que se estabeleça através do ensino mutuo e do autodidatismo, acessível a todos, dando base, assim, para uma teoria da revolução⁸. Para tanto, a criação de espaços educativos — não somente escolas — se torna um fator essencial, pois tais espaços criariam as condições necessárias para se aflorar esse ensino mútuo, capaz de liberar

7 VALVERDE, Antônio Romero. *Pedagogia libertária e autodidatismo*. Tese de doutorado da Unicamp, p. 9.

8 COLOMBO, Eduardo. *Democracia e poder, a escamoteação da vontade*. São Paulo: Imaginário, 2011.

as potencialidades dos indivíduos.

O professor Adelino foi detido em maio de 1919 por ocasião da perseguição aos diretores das escolas modernas em São Paulo. Na década posterior a vigilância e perseguição aos anarquistas se tornou cada vez mais intensa, tendo como marco a criação da Colônia Penal Agrícola de Clevelândia, no Oiapoque, durante o governo de Artur Bernardes. Esse foi um período muito difícil para as atividades dos anarquistas pois além da repressão estatal houve a concorrência, muitas vezes, violenta das correntes de transmissão do “comunismo” soviético.

Já em 1933 encontramos relatos da presença de Pinho numa “reunião anarquista” na sede da FOSP produzido por um policial infiltrado do DEOPS. Adelino era tido pelas autoridades como um militante atuante que merecia ser vigiado. Mesmo sob a ditadura de Getúlio Vargas e a intensa repressão policial o velho professor anarquista seguia atuante em reuniões em São Paulo e na imprensa anarquista da época.

Os documentos policiais, alguns artigos dispersos e as cartas que trocava com seus amigos João Penteado e Rodolpho Felipe nas décadas 1940 e 1950 atestam que seus ideais sobreviveram à ditadura getulista e, mesmo que à distância, em Poços de Caldas, continuava presente nos meios libertários. Por essas cartas, algumas reproduzidas neste título⁹, notamos que a convicção anarquista não o havia deixado.

Alguns companheiros de Adelino de Pinho deixaram registradas suas lembranças do velho “professor” e amigo. São relatos pessoais que colaboram para termos uma dimensão mais humana da personalidade do homem por trás das palavras.

Jaime Cubero, antigo membro do Centro de Cultura So-

⁹ Agradecemos a Tatiana Calsavara e Luciana Eliza dos Santos, bem como ao Centro de Memória da Educação da FEUSP, local que abriga o acervo de João Penteado e nos possibilitou o acesso e possibilidade de reprodução e inserção de tais documentos no presente livro.

cial, agrupamento libertário fundado em 1933, do qual Adelino era parte, conta o seguinte:

Conheci João Penteado e Adelino Pinho quando o Centro de Cultura Social retomava suas atividades em 1945, após a queda da ditadura getulista. Eu, com dezoito anos, e os dois com idade avançada, participando de reuniões, palestras, excursões e festas. Eles falavam abordando temas de educação, área na qual desenvolveram o melhor de seus esforços nos longos anos de militância libertária.¹⁰

Outro conhecido libertário cita Pinho em suas memórias. Trata-se de João Perdigão Gutierrez, em trecho extraído das obras de Edgar Rodrigues:

Há que fazer uma anotação honrosa ao velho militante Adelino de Pinho, escrevendo, falando ou educando em sua escola, sempre foi coerente com seus ideais. Separado da família, sofreu amargamente, tendo passado muita fome. Quando retornando, a Minas, esteve em nosso lar, na hora do almoço, não se conteve e chorou copiosamente.

— Que é que você tem, Adelino?

— Há! Já faz tempo que não estou habituado a isto.

Dizem que está recolhido ao lar um de seus filhos. Residiu algum tempo em ‘Nossa Chácara’.¹¹

Em 1953 participou do Congresso Anarquista Nacional na Urca, Rio de Janeiro, mais precisamente no sótão da residência de José Oiticica. Chegou a morar na “Nossa Chácara”, sítio adquirido por anarquistas e naturistas, no bairro do Itaim Paulista. E é esse período que sua trajetória torna-se nebulosa.

Segundo o arquivo do Memorial do Imigrante de São Paulo Adelino Tavares de Pinho retornou, definitivamente, para

10 CUBERO, Jaime. “Apresentação”. In: *Boletim da Escola Moderna* (fac-símile), CMS/AESP, s/d.

11 RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros* – 3. Florianópolis: Insular, 1997. p. 18 e 19.

Portugal em 27 de março de 1957, escrevendo algumas cartas para João Penteado nesse período desde Roge, Maciera de Cambro (Portugal).

Todavia, ainda não logramos descobrir os dados referentes à data e ao local de sua morte. Pode ser que tenha regressado ao Brasil, se seguirmos uma pista deixada por Pedro Catallo em suas memórias:

Adelino de Pinho foi proibido de lecionar ou manter escola. Ao invés do Brasil reconhecer a extraordinária obra de alfabetização realizada por esse homem, por iniciativa própria, e quando havia escolas apenas para bem pouca gente, e quando era difícil encontrar entre o povo proletário alguém que soubesse ler, Adelino de Pinho não mais pôde lecionar e teve a sua vida enormemente complicada. Ainda nestes dias, em que estou escrevendo estas lembranças, foi trazido de carro por um seu genro, para fazer-me uma visita. Ao me ver ficou de tal forma emocionado que temi que lhe acontecesse alguma coisa, chorava com as mãos postas no coração. Almoçou comigo, bastante lúcido e com 84 anos.

Se a informação de Catallo é correta, e utilizando um simples cálculo matemático, podemos supor que esta visita se deu em 1969. Porém, as memórias estão datadas em 1965. De qualquer maneira, podemos supor que em meados da década de 1960 Adelino estava vivo e em São Paulo, mesmo que por um curto período de visitas.

Cabe aos militantes e pesquisadores continuar essa história a partir de onde paramos. Novas informações e trabalhos históricos estão sendo produzidos no momento que podem trazer à tona interessantes novidades sobre Adelino de Pinho e os demais militantes que atuaram no Brasil. Novos estudos sobre pedagogia libertária são sempre bem-vindos e podem contribuir muito para fazer justiça a grandes pedagogos e mestres como João Penteado e o próprio Adelino.

Esperemos que novos olhos possam ver o que não vimos e penas mais hábeis escrever o que não fomos capazes.

Sugestões de leitura

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Teresina e seus amigos*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: PUC-SP, 2007.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade*. Campinas: Pontes, 1990.

LUIZETTO, Flávio V. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. Tese de doutorado. São Carlos: USP, 1984.

MORAES, José Damiro. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos Centros de Cultura Social*. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 1999.

_____. “Educação anarquista no Brasil da Primeira República”. In: *HISTEDBR*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, s/d. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_052.html>. Acessado em 5/01/2012.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros 1*. Rio de Janeiro: VJR, Editores associados, 1994.

SANTOS, Luciana Eliza dos. *A trajetória anarquista do educador João Penteado: leitura sobre educação, cultura e sociedade*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 2009.

SILVA, Doris Accioly e. “Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica”. In: *Educação e Sociedade*, v. 106. São Paulo, 2009.

SILVA, Robledo Mendes da. *A influência de Élisée Réclus na educação operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Unirio, 2010.

Folhetos

Adelino Tavares de Pinho

Pela Educação

E pelo Trabalho

Conferencia lida na LIGA OPERARIA DE CAMPINAS,
a 13 de Dezembro de 1908

FOR

Adelino de Pinho

PREÇO	Brazil . .	200 réis
	Portugal.	30 »

Comp. e Imp. do Res. n. 114
R. da Liberdade, 114
Porto

Pela educação e pelo trabalho

Conferência lida na Liga Operária de Campinas em 13/12/1908.
Editada e impressa na cidade do Porto, em Portugal,
pela gráfica Peninsular Monteiro Gonçalves A.C.

Como professor da Escola Social cumpre-me, hoje, o dever de falar-vos sobre assuntos que se relacionam com a instrução e a educação das crianças.

Ser-me-ia mais agradável exprimir-vos oralmente aquilo que ao papel transmiti; porém a arte da palavra é verdadeiramente a arte por excelência e, para se fazer uso dela, é preciso cultivá-la como se cultivam coisas de menor importância. O falar em público é também uma questão de hábito, de costume e de tendência. Mas, como tenho bastante dificuldade em coordenar, falando, os conceitos que tento exprimir, alinharei no papel esses quatro juízos que seguem e para os quais chamo a vossa atenção.

Estamos em épocas de férias. Estamos em época de encerramento escolar e estamos, mais que tudo, em ocasião de exames.

Muitos de vós tereis perguntado a razão de não termos nós realizados os exames, pela muito simples razão de que os consideramos um absurdo. Os exames são um atentado contra a verdadeira instrução. Todos vós devem conhecer pessoas que, apesar de seus atestados e diplomas de exames de cursos que frequentaram, não passam de uns verdadeiros ineptos, incapazes e inexperientes. Já vedes, pois, que o fato de ter feito exames nada prova sobre a competência de qualquer indivíduo.

O saber não implica, de maneira nenhuma, uma tabuleta para o assoalhar, o apregoar, o publicar. Além de que, há muitas coisas que depõem contra os exames e os diplomas. Em muitos casos, pode o que sabe menos ser o privilegiado

em detrimento de quem estava mais adiantado. E isto dá-se frequentemente, já por questões de favoritismo, de compadrio ou de polícia; já por questões que se prendem com o temperamento das crianças.

Uma criança acanhada, tímida, que facilmente se deixa impressionar, que facilmente se deixa tomar do medo, quando pessoas que as vezes nunca viu, lhe façam certas perguntas, ainda que saiba, nada poderá responder. Outras que saibam manter presença de espírito, que sejam um pouco mais audazes, que saibam de memória mais regras de compêndio, triunfarão em detrimento daqueles que incontestavelmente eram mais aptas.

O diploma, como toda espécie de prêmios, é contrário, é prejudicial, é daninho, atentório às regras da pedagogia moderna. São coisas que só servem para tornar as crianças vaidosas, pedantes — aquelas que o obtêm. As outras, as menos hábeis, as menos aptas para o ensino que lhes dão — essas são lançadas para o lado e perseguidas com dichotes e epítetos de todas as espécies de feitios. Numa família, onde haja mais que um irmão, o que consegue passar é um prodígio, é o menino bonito de casa, torna-se alvo de todas as atenções. O infeliz que, por qualquer motivo estranho à sua vontade, ficou reprovado é desprezado, vilipendiado, abandonado. Dirijam-lhe insultos e doesto de toda sorte; que não é estudioso, que não quer aprender, que é mal aplicado, enfim, que é um preguiçoso. Condenam-no inexoravelmente. Um cúmulo! Quantas vezes o estudante brioso, indignado ou desesperado, perde a cabeça e mata o algoz — reprovador injusto — ou recorre ao suicídio.

Ora, isto é uma injustiça que precisa sanar-se. Se há razão para se ser cuidadoso e atencioso, é para aqueles que têm menos probabilidade de êxito. Aquelles que têm mais agudez de espírito e de inteligência, mais facilidade em aprender, em assimilar o que se lhes ensina, o que os livros contêm, devem contentar-se, satisfazer-se com o prêmio com que a natureza os dotou, com as acuidades com que a natureza lhes concedeu,

que é o acharem-se mais armados para a luta pela vida e terem mais motivos para vencer, mais elementos para prosseguir.

Se alguém nos deve merecer cuidados especiais, desvelos e carinhos, são aqueles que se nos apresentam mais débeis, mais fracos, poucos resistentes. Esses sim, precisam de uma mão forte que os ampare, de um mentor inteligente e consciente que os dirija. E isto simplesmente porque a criança não têm culpa de ser fraca ou forte, sã ou doente, alegre ou triste, audaz ou tímida, obtusa ou inteligente.

A criança é aquilo que as condições físicas e morais, dos progenitores sobretudo, fizeram delas. A criança não fez a si mesma. Aquilo que é, não o é por vontade própria: O é forçada por circunstâncias estranhas à sua vontade; ao seu conhecimento. Logo, como conclusão, as crianças devem-nos merecer todo respeito, toda simpatia, todo amor. Se há motivos para sermos mais atenciosos com alguém, deve ser com os doentes, com os menos aptos. Para estados anormais, é lógico que se redobre de desvelos e de cuidados.

Os fortes não precisam de outra vantagem que aquela que possuem de ser dotados de boas qualidades.

É esse o melhor prêmio que se possa possuir, ao qual se deve aspirar pelo aperfeiçoamento das gerações.

Mas, como dar-se, em parte, remédio a isso? Muito fácil: suprimir exames e prêmios. Com a sua supressão evitar-se-ia uma enorme multidão de desgostos e decepções. Mas, há mais ainda, e que bem mostra o quanto é absurdo e disparatado o tal sistema de exames. Marca-se um prazo determinado para o estudo de certas e dadas matérias, com programas determinados e determinados regulamentos; e isto para toda espécie de crianças... Têm de ser todos ensinados do mesmo modo, com as mesmas frases, com a mesma pose e nas mesmas circunstâncias. Ora, isto de marcar um prazo o estudo de dadas matérias é inconcebível! Até aquela barreira chega-se, mas não se pode transpô-la, e os que não chegarem, ai deles! Mas porque é

que os mais bem dotados, aqueles que tenham mais capacidade, não hão de ir até onde possam, e não hão de ter os outros um maior período de tempo para aprenderem?! Se passou, passou; se não passou, perde depois um longo ano repetindo em parte o que já sabia, com o que se aborrece e desanima.

Depois fiquem certos duma coisa. Entre crianças regularmente constituídas, sadias, equilibradas, não há grande superioridades entre elas. É verdade que umas mostram mais aptidão na leitura, outras na escrita, outras nas operações aritméticas, outras têm mais tendência ao desenho. Mas nisto está a razão do equilíbrio. Há diversidade de tendências, simplesmente. Há, então, outras crianças que, talvez por uma questão de hereditariedade ou desarranjos orgânicos, levam muito mais tempo em aprender qualquer coisa. Mas é para estes que deve convergir em parte os defeitos orgânicos de que estão possuídos.

Mas, retorquir-me-ão, o diploma da vantagem, oferece probabilidades de se poder alcançar um emprego, de se poder deixar o trabalho manual, a oficina, a fábrica, e viver com menos esforço, com mais conforto, melhor acomodado.

Sim, o diploma é a condição para concorrer a tudo isso, mas os trabalhadores devem cogitar em não fazer de seus filhos burocratas. Os trabalhadores devem esforçar-se sim, mas de fazer de seus filhos uns bons trabalhadores manuais, bem hábeis nos seus misteres, bem aptos nos seus ofícios, capaz de viver trabalhando e lutando.

O reino dos diplomados é o reino dos acomodados.

Só os trabalhadores podem ter independência bastante, no meio correto que nos envolve.

Neste chiqueiro moral que nos rodeia, em que se vende consciência, dignidade, pundonor, e em que não há vergonha, nem escrúpulos, nem pejos — só o trabalhador, só o operário digno deste nome resiste incólume e imperturbável a esta onda de corrupção, de podridão, que tudo tenta avassalar deturpan-

do caracteres, pervertendo costumes, destruindo qualidades.

Quando se faz leilão da consciência, quando todo o mundo escraviza o cérebro, coração e sentimento ao seu superior hierárquico, ao seu chefe político, ao deputado, ao ministro, com receio de perder o lugar, o emprego – o operário digno e altivo, o operário que conhece o papel que lhe compete desempenhar, conserva-se, ele só, alheio e estranho a todas essas questiúnculas que os malsins, os sevandijas do comércio, da finança e da governança provocam entre si com o fim de fazer desviar-se o operariado do caminho que há de levar, pelo sucessivo aperfeiçoamento, ao progresso, à civilização do amor, solidariedade paz e justiça.

O operário, com um cérebro para pensar, um coração para sentir, um braço para empunhar a ferramenta, é a única unidade de valor moral que se impõe, que se faz vegetar nesse pântano em que vegetamos.

O seu braço, auxiliado pela inteligência remove todos os obstáculos; rasga canais, perfura túneis, aplanam montanhas, cava lagos, sulca o oceano. E tudo isto sem diploma!

Mas só ele sabe ficar indiferente, só ele se sabe arredar dos bastidores da política de campanário onde se fabricam de toda sorte de encargos e de opressões que hão de esmagar, sem contudo perder de vista as causas que originam os males que nos rodeiam, para às atacar em suas raízes sempre que a ocasião se ofereça.

Por todas estas razões devemos fazer de nossos filhos, antes de tudo, bons trabalhadores, aptos, hábeis, ágeis, capazes, desenvolver neles o gosto pelo estudo, pelas boas leituras; o desejo de saber, de aprender, de estudar, de pensar, de raciocinar para que possam seguir as nossas pegadas e continuar a obra que nós iniciamos, que sustentamos e que aspiramos. E isto somente o podem fazer trabalhadores, que vivam a vida de trabalhador, que sofram como o trabalhador em contato com os outros trabalhadores, que tenham as ânsias, os desejos,

as tendências, as aspirações dos trabalhadores. O ver não basta, é preciso senti-lo. É preciso viver-se a vida de trabalhador com todas as suas misérias, as suas angustias, os seus esforços, os seus sonhos, os seus tormentos, as suas alegrias e as suas tristezas, para se saber, para se compreender, para se avaliar a tragédia prometheica, a shavérica que os despossuídos da fortuna escrevem com seu próprio sangue, com o suor de seu rosto, com as angústias de suas aspirações insatisfeitas.

Evitemos que nossos filhos se tornem parasitas da colmeia social, inimigos, hoje, de seus irmãos de ontem. O trabalho mais nobre, mais dignificativo é aquele que presta, direta e imediatamente, auxílio à coletividade. O lavrador, o cultivador, o padeiro, o pedreiro, o carpinteiro, o mecânico, são muito mais úteis à coletividade que todos os bacharéis reunidos, fabricantes de leis, forjadores de peia para a vida do pensamento, da ação, da liberdade.

Sejamos ativos e estudiosos, aprendamos tudo o quanto esteja ao nosso alcance, tudo quanto nos proporcione prazer moral ou intelectual, tudo que nos dê gosto, satisfação em aprender, em saber, em coordenar, mas sem preocupações de tabuleta, sem vaidade, sem ostentação, sem petulância. Aprendamos para ensinar, mas sobretudo para ensinar aos nossos filhos.

Talvez vos admireis de que eu faça a apologia do trabalho manual, hoje, quando o trabalho é considerado como um estigma, como uma condenação aviltante para aquele que o exerce. Sim, o trabalho, como atualmente está organizado, é um verdadeiro estigma, uma verdadeira condenação. Mas não se segue por isso que se condene o trabalho.

O trabalho! Só ele é grande, só ele é fecundo. Foi pelo trabalho que o homem atingiu esse desenvolvimento do progresso; pois têm uma cabeça para conhecer e braços para executar e mãos conformadas de maneira a moldar a matéria, conforme seu gosto, à sua vontade, à imaginação.

O trabalho é fonte pèrene, inexaurível de vida. É pelo trabalho que se arranca da natureza toda uma série de elementos; é pelo trabalho que se extrai a hulha do fundo das minas para nos aquecermos, para cozinhar os nossos alimentos, para nos transportarmos para qualquer ponto do globo. Ele é a mola propulsora de todo o progresso, de toda a civilização, de toda a felicidade.

O trabalho é a verdadeira condição, o verdadeiro destino do homem. É a saúde, é o bem estar, é a moralidade, é a felicidade, é a vida feliz.

O trabalho fortifica o corpo, mantém a saúde, prolonga a vida e faz parecer o tempo curto: o trabalho está na ordem da natureza.

É pelo trabalho que o homem doma as forças cegas da natureza e se garante da miséria. O ocioso que se aproveita do trabalho dos outros sem nada produzir, não é senão um parasita.

E é este o ponto onde quero chegar. Naturalmente, já viram que o trabalho está na ordem das coisas, faz parte do patrimônio da humanidade. O que se necessita é que o trabalho seja regularizado de maneira a construir um entretenimento, uma espécie de passa tempo, uma ginástica, de exercício físico. É necessário que todos trabalhem, que deixe uns de se esfalfarem, de se definharem, de se torturarem para que os parasitas, para que os nada produzem, para os que nunca souberam o que é o trabalho, se locupletem, engordem, refestelando-se.

É preciso ver no trabalho o seu lado útil e necessário.

Como atualmente se acha organizado o trabalho, constituindo as oficinas verdadeiras prisões, sem luz, sem ar, sem as condições higiênicas necessárias; trabalhando-se horas excessivas, violentamente, e não se alimentando o operário de maneira a prover ao gasto de forças — claro está que o trabalho nestas condições é uma tortura, e com razão muita gente deseja enriquecer para não pensar mais no trabalho, para não levantar mais uma palheira do chão. Mas nisto

está o erro, a ilusão.

Não, é preciso que todos trabalhem, isto é, que todos produzam utilmente.

Em lugar de alguns sonharem com o enriquecimento, melhor fora que cogitassem de vazar o trabalho em moldes mais agradáveis, torná-lo simpático a todos, e que todos sentissem necessidade de trabalhar, de ser úteis, de produzir.

A vida é uma troca perpétua. O homem está em relação de reciprocidade com o meio natural e o meio social, com o universo inteiro e os seus semelhantes. Não nasceu unicamente para conhecer, mas também para agir. Alternativamente ativo e passivo, dá-se e recebe; toma ideia nas coisas, e depois põe suas ideias em suas obras. Entra em comunidade de interesses, de sentimentos, de pensamentos com os outros homens, utiliza-se do trabalho de outrem, e, seguidamente, exerce sua atividade em proveito próprio e em proveito de todos.

Tal é o papel ao qual é destinado a cada um de nós, duplo papel, que corresponde a estes dois termos postos em contraste: assimilar e produzir, compreender e exprimir, conhecer a verdade e realizar o útil, o bem o belo; saber e trabalhar. Toda a educação que não prepara para este duplo papel, que tende a fazer dela ao mesmo tempo um trabalhador, no mais largo sentido da palavra, um ser inteligente e um ser ativo, é uma educação incompleta e estéril.

O homem não nasceu só para gozar, para consumir; mas também para produzir para trabalhar.

Hoje o trabalho é esmagador e está remunerado pessimamente; o trabalhador vê-se obrigado a morrer de fome, e é tratado como uma besta de carga. Vive sem esperança alguma, tendo por perspectiva a prisão se se revolta, ou o hospital se se resigna.

As religiões fizeram do trabalho um castigo; os poderosos, uma cadeia; a humanidade fará dele seu recreio e sua glória.

Então já não será o trabalho nem um estigma, nem uma tor-

tura: será a alegria dos homens no torneio da felicidade geral.

Há necessidade do trabalho. Sem a vida seria impossível a humanidade. Sem o trabalho, a vida estiolar-se-ia, extinguir-se-ia, perecendo. Não barafustemos, pois, contra o trabalho, mas sim regularizemo-lo de molde a que ninguém deixe de trabalhar, de molde que o trabalho não seja um instrumento odioso de exploração, mas sim um instrumento de felicidade.

Também não há motivo para se considerarem certos serviços como repugnantes, como impróprios de se exercerem. De duas uma: ou o mesmo serviço é inútil, e nesse caso suprimi-se, ou é útil, e nesse caso alguém tem que o executar. Desde que qualquer trabalho proporcione à humanidade alguma parcela de bem estar moral ou físico, por essa mesma razão é um trabalho útil.

Todos nós rimos e troçamos do modo como os camponeses se vestem, falam, etc. Queñ dizer: nós, um pouco mais refinados, mais viciados, mais pervertidos, não compreendemos o camponês na sua singeleza. Pois bem, se alguém nos deveria merecer muito respeito, seria o trabalhador do campo. É do campo que ele lavra, que ele estruma, que ele semeia, que ele cultiva, que ele arroteia, e donde colhe as messes, que nos vem o primeiro princípio da conservação da nossa vida e que uma só palavra define eloquentemente: o Pão!

Elevamos o trabalho, fonte de vida, à altura da sua dignidade.

Seja acessível a todos e exercido por todos, e não, como agora, executando pela maioria que morre de fome em favor da minoria que rebenta de fartura.

Não que isto dizer que só se deva trabalhar. Não, de maneira nenhuma. O homem deve ser, antes de tudo, um trabalhador para prover a sua alimentação, ao seu sustento e ao de sua família. Mas nem só de pão vive o homem. O homem têm necessidade de livros, de música, de estátuas, de pintura, de paisagens. Logo, a par dum trabalhador, devemos fazer um pensador.

Pelo menos porque as crianças num certo desenvolvimento de instrução, de forma a ficarem a coberto dos embustes dos frades, das infâmias dos capitalistas e dos preconceitos vis e ridículos que crescem e progridem nesta sociedade podre e corrupta.

*
* *

Desviei-me um pouco do assunto dos exames e dos prêmios, mas tornemos a eles para fazer algumas observações a mais. Vejamos o que o grande Ruskin escreveu sobre as recompensas aos alunos:

Em todas as escolas, em todos os países e em todos os tempos, o trabalho saudável, dependerá da absoluta exclusão de todo estímulo competitivo, sob qualquer formula ou máscara.

Cada criança deve ser julgada segundo seu próprio tipo, educada para seu próprio dever, recompensada pelo seu justo elogio. O esforço é o que unicamente merece elogios, não o resultado. É uma questão que não depende do estudante ser sua habilidade maior ou menor do que a do outro indivíduo; trata-se de saber se faz tudo o que se pode com suas aptidões naturais. Cada menino nasce com uma capacidade mental determinada e absolutamente limitada: por sua natureza, é apto para algumas coisas e inapto para outras. Toda a beleza, felicidade e poder de sua vida dependerão de seu contentamento, fazendo devidamente tudo o que pode, desempenhando tranquilamente seu papel. Se tiver de ser comparado com a maior ou menor capacidade dos outros, que o seja para empregar seus poderes superiores em ajuda dos outros, e não para predominar sobre eles, e que não o mortifiquem se lhes é inferior, que encontre um nobre prazer admirando outras faculdades mais belas que as suas. Quisera ver gravada em cada escola a frase:

“Não fazer nada por vaidade ou vanglória. A educação deve ser livre acessível a todos, mas nunca compulsiva.”

Nada, pois, merece recompensa ou elogios, mas havendo assim sendo, deveria ser para o esforço, não para o resultado. Claro que uma criança mais inteligente aprenderá melhor, gozará de mais resultados, mas isto nada prova contra aquela que se esforça mais e atinge mais dificilmente, ou mesmo não atinge, isto de talento, é muito difícil saber onde principia e onde acaba.

Todos têm mais ou menos talento, mais ou menos aptidões para este ou aquele ramo do saber humano. O talento na sua ascensão mais ampla é uma abstração a unidades de peso ou de medida, a decimais ou centésimas? Mas isto é uma loucura! Pois, se o talento é uma coisa imaterial, como querer prezá-lo, medi-lo, compará-lo? Todos têm a sua utilidade em existir. Têm-se talento e habilidade numas coisas, e é tapado e inábil em muitas outras — é o que é. Por isso, nós, que não temos empenho senão em dar a maior soma de saber e conhecimentos a todos, e que sabemos que o conhecimento não precisa de documentos que o atestem senão fatos que o provém, condenamos os castigos. As crianças sabem o que têm podido aprender. Eu tenho-lhe ensinado o que tem sido possível, mas sobre tudo tenho me esforçado por que aprendem a ler bem, escrever e contar. São as bases e o alfabeto é o ponto de partida.

Estarei aqui enquanto me considerarem um amigo, enquanto depositarem em mim confiança. As crianças por fazerem exame, não ficam sabendo mais do que aquilo mesmo que sabiam antes.

É, pois, no ventre materno que deve começar, que deve principiar a educação das crianças. Porque o primeiro cuidado duma mãe deve ser, com respeito ao seu filho, que este seja, antes de tudo, um animalzinho robusto. Lá o proclamou a sabedoria latina: espírito são em corpo são.

Provado exuberantemente como está que as sensações do espírito, boas ou más que sejam, resultam do jogo, do equilíbrio, bom ou mau, do nosso organismo, concluí-se que uma criatu-

rinha sadia, robusta, forte, deve pensar, proceder e agir melhor, mais do que uma outra definhada, raquítica, tarada enfim.

Seria enfadonho e fastidioso enumerar os cuidados que os pequeninos seres demandam para o seu racional, metódico e completo desenvolvimento desde que nascem até a idade em que podem ir para a escola. São coisas estas que pertencem ao domínio da higiene propriamente dita. O regime láteo, o regime alimentar, os vestiários etc., etc., tudo isso as mães deveriam conhecer, saber, compreender para poderem, com conhecimento de causa, desempenhar-se da missão mais importante que a natureza lhes confiou: o de serem mães.

Infelizmente, poucas mães terão bem a noção da responsabilidade que lhes cabe na conduta, na moral, no desenvolvimento ou orientação que seus filhos tomam ulteriormente, em virtude de ninguém lhes ter ensinado, de ninguém as ter edificado, compenetrado do papel que lhes cabe desempenhar.

Ao invés de que se dá, com um hospede, que esperamos e a quem procuramos rodear de todos os confortos e atenções na maioria dos casos, os filhos nascem sem lhes terem preparado uma atmosfera adequada e tépida onde encontre terreno apropriado ao seu desabrochamento, ao seu desenvolvimento. A criança nasce ao acaso, cria-se ao acaso e toda a sua vida é uma aventura.

A criança, ao nascer e durante a fase infantil, da qual vai passando, deve ser tratada, vigiada, cuidada segundo os preceitos higiênicos. A criança precisa viver rodeada de afetos e carinhos.

A criança é, por instinto, amiga de imitar tudo que vê fazer. É por imitação que ela aprende a dar os primeiros passos, a balbuciar as primeiras palavras, a executar os primeiros atos. Daí a necessidade de uma conduta moral irrepreensível por parte daquelas pessoas que a rodeiam, que a coroam, que a dirigem. É necessário que a criança tenha sempre diante de seus olhos ávidos e curiosos exemplo palpável, eloquente, claro daquilo que

podará fazer, dizer, praticar. Atos e não palavras. Ações e não discursos. A moral pratica-se, e não se ensina. A moral sente-se, e não se prega. A moral espalha-se, desprende-se de nós mesmos nas relações diárias que somos obrigados a manter entre os amigos, entre os camaradas, no lar doméstico principalmente. A moral infiltra-se insensivelmente em nós, desde que vivamos rodeados de pessoas que a pratiquem. Sem darmos por isso, sem constrangimentos, sem esforços, desde que vivamos numa atmosfera adequada, tornamo-nos melhores, mais tolerantes, mais inteligentes, mais prudentes.

Foi o meio que agiu sobre nós. Lá dizia o rifão: acompanha com um bom, serás bom como ele; acompanha com um mau, serás pior do que ele.

Aquele outro preceito que os ministros duma certa religião pregam: faz o que eu digo e não o que faço – tende a passar ao limbo das coisas inúteis. Pois como! Eu arrego-me o direito de pregar doutrinas e preceitos para que os outros sigam, quando eu não tenho a coragem, a força de energia o bastante, para amoldar os meus atos às minhas palavras, adaptar a minha conduta à doutrina que sustento!

Decididamente, este proceder não é de molde a convencer ninguém, e por esse motivo é que todas as religiões entraram, desde há muito, no período de decadência.

Os seus ministros pregam coisas singulares, mas a sua conduta é o desmentido maior, mais formal, mais categórico e completo de sua ascética singularidade.

Como pois difundir no espírito de nossos filhos o horror, a aversão pelo tabaco, pela bebida, pela má conversações, quando é certo que nós bebemos, fumamos e nem sempre falamos de maneira conveniente, de modo urbano e correto?! Quando muito, podemos ensiná-los, obrigá-los, forçá-los a serem simulados a fazerem às escondidas aquilo que não se arriscam a fazer em nossa presença. Mas, por acaso, o fato diminui de importância?

De modo nenhum. Muito mais louvável seria abatermo-nos

de bebidas, do tabaco e dos outros venenos semelhantes que nos depauperam o organismo e nos prejudicam o bolso, do que queremos que nossos filhos sejam muito puros quando nós não temos o valor suficiente de, por uma questão de higiene e moral, abandonarmos esses vícios que nada abandonam em favor de quem os mantêm e os usa.

Dizendo a um filho: não deves fumar, porque isso é um veneno, a criança responderá logo — Nesse caso para que é que meu pai fuma? Terá por acaso muito empenho em envenenar-se? — E em tudo assim. Desde as coisas mais insignificantes, aos maiores atos de nossa vida, a mesma conduta nos deve guiar, amparar, animar. Especialmente nas pequenas minudencias, nas coisas insignificantes, que julgamos passarem despercebidas, é que devemos caprichar por executá-las com todo o cuidado para nos habituarmos, nos afazermos a seguir sempre imperturbáveis, serenos e inflexíveis, uma linha de conduta, que nos devemos esforçar para trilhar.

*
* * *

A educação é a alavanca da remodelação social. Educar, educar, educar sempre — eis o meio mais eficaz, o grande meio de luta atual.

Tudo o mais não passa de remédio de ocasião. Educar é criar uma alma nova e uma consciência nova. E dar à humanidade uma consciência, vê-la eis erguer os braços num só gesto. A educação e a instrução — eis as armas mais potentes e valiosas para a completa transformação da sociedade. É na infância, na primeira idade, desde os primeiros passos que se deve começar por inculcar nas crianças princípios bons e justos; e desde o balbuciar das primeiras palavras que deve impregnar a alma da criança do espírito de justiça, de bondade e de equidade. A primeira educação, pois, deve ser dada no lar, em família.

Já dizia o velho rifão: “o menino como o pepino, torce-se

de pequenino”. Esta sentença popular exprime uma grande verdade. Com razão, também, um grande pensador e homem de ação exprimiu este superior conceito: “tudo que no alfabeto místico começa por deus, há de fatalmente lá acabar”. Vê-se, pois, que há necessidade de reunião dos esforços, dos pais primeiro, e dos professores e médicos depois, para se poder proporcionar às crianças uma educação racional e segura. O professor, sem o auxílio dos pais, das mães, sobretudo, nada poderá fazer de perdurável, e os seus esforços pouco menos serão que impotentes, desde que a criança possua em casa quem a guie, quem a dirija, quem a auxilie. E é a mulher que cabe desempenhar um grandioso papel nesta missão superior de educar a infância. Porque são as mães que amamentam o filho, cercam-nos de todos os cuidados, rodeiam-nos de todos os confortos possíveis.

Já o pai, não tem tanta influência sobre os pequenos seres, porque se levanta cedo para a labuta cotidiana e dirige-se para a fábrica, para o ateliê, para a oficina, em busca de um magro salário que garanta o pão da família. Falo dos trabalhadores. A hora a que sai e a que se dirige ao trabalho, ainda o pequenino dorme. Nem sequer vai beijá-lo ou acariciá-lo com receio que o acorde. Durante todo espaço de um longo dia, está longe, ausente. À noite, quando volta, vêm exausto de forças, extenuado, aborrecido, e deita-se ou procura na bebida um lenitivo à sua má estrela; nos filhos não pode pensar. É, pois, a mãe que os deve vigiar, orientar, dar-lhes a primeira educação. É a mãe que cabe incutir no espírito infantil as primeiras noções de tudo o que nos cerca; movimentos, força, sons, fenômenos. A curiosidade das crianças manifesta-se cedo, e é preciso estar-se preparado para poder explicar-se aos pequeninos bebes tudo quanto a sua ansiosa e curiosa inteligência anseia por saber.

É, pois, este o ponto psicológico do problema da educação.

Naturalmente, se as pessoas que o rodeiam possuem bom senso e estão aptas a desempenhar-se do papel que lhes com-

pete, tudo corre bem; se não é o maior dos desastres.

Por exemplo: prepara-se na atmosfera uma trovoada. Os ares turbam-se, escurecem, carregam-se de pesadas e negras nuvens. O grande ruído do ribombar do trovão produz o furor dos relâmpagos, e tudo isto são coisas que interessam a curiosidade da criança e que dão uma boa ocasião de se explicar um fenômeno natural, segundo a ciência mostra.

Quando a criança formula a pergunta: o que é aquele barulho lá em cima? Responder-se-lhe, é a trovoada. E o que é a trovoada? É o pai do céu a ralhar — muitos lhes responderão. Ora, dar uma resposta destas a uma criança sobre o que seja um fenômeno que a ciência há muito desvendou, é simplesmente encher-se o cérebro das crianças de fantasia que deixarão nele vestígios, sinais, impressões por toda sua vida.

Dizer-se à criança o que são as nuvens, a maneira porque elas se formam, o que produz o raio, a maneira de o evitar; falar-lhe do pára-raios, do seu inventor Franklin, seria uma bela ocasião de lhe falar coisas que ela provocou que lhe terá gosto e desejo de saber. Ao contrário disto, ensinam-lhes a reza e os altos clamores por Santa Bárbara...

Demonstrado como ficou que é à mãe que compete vigiar e dirigir a primeira educação das crianças, por estar mais em contato com elas e porque o seu natural é mais suave, mais terno, mais doce, mais próprio a tornar as crianças alegres, felizes, expansivas e amáveis, cumpre perguntar: estará a mulher habilitada a cumprir a missão de tal responsabilidade? Infelizmente não está.

Há, pois, a necessidade urgente de atrair a mulher à causa do progresso e do desenvolvimento, educá-la, orientá-la, fazê-la interessar-se por esta obra de civilização e de felicidade universal, cuja pedra angular, base, alicerce, e ponto de partida é, naturalmente, ela.

Todas as seitas, todas as religiões, se estribam no apoio que as mulheres lhes dispensam. É que todos os pastores de reba-

nhos conhecem a influência que elas possuem e que exercem no lar, já animando os filhos, já animando ou catequizando os maridos, os irmãos, os conhecidos.

Nunca as grandes causas triunfaram enquanto a mulher se lhes mostrou indiferente. Elas são as melhores pregoeiras, as melhores arautos, as campeãs de qualquer obra ou doutrina. A música harmoniosa de sua voz, os seus sorrisos que iluminam ou fulminam, os seus olhares que nos elevam ou petrificam, toda esta linguagem muda, mas eloquente, toda mímica, influi poderosamente no progresso ou no estacionamento das ideias.

Os guerreiros como Napoleão queriam mulheres que dessem muitos soldados para ele conquistar o mundo, devastando, saqueando, destruindo, incendiando, roubando, violentando. Os padres da Igreja querem mulheres que façam beatos, para que todo mundo seja crente, humilde, rastejante em face da teologia. Como devemos nós desejar a mulher? Eu imagino mulheres que formem homens. Homens na sua verdadeira acepção da palavra, de espírito livre e indomável, que se não prestem aos instintos bélicos, nem se curvem em face dos dogmas.

Mas mulheres destas não as há. É preciso criá-las. Quem tem esposas, irmãs, deve tomar a peito esta nobre missão. E é por casa, pelo lar, que devemos começar. É lá onde gozamos de um certo prestígio, duma certa preponderância, duma certa influência. Como pais, como irmãos, como mais práticos da vida, como amigos, o terreno oferece-se mais adequado. Claramente, da noite para o dia não se opera uma revolução destas.

É insensivelmente, paulatinamente, procurando a ocasiões próprias, que devemos nos insinuar no espírito das pessoas que nos cercam, aquelas ideias pelas quais nos batemos e que já vamos exprimir a aproximação da verdade. Não blasfemarmos.

Isso seria espantar a caça.

É tudo uma questão de tática, de vontade, de perseverança. Eduquemos, pois, a mulher.

Libertamo-la, dignamente, elevamo-la. Mas não nos es-

queçamos que para isso precisemos educar-nos, instruir-nos, moralizar-nos primeiro.

Mas há um ponto, na educação, que as mães não poderão desculpar-se, de o deixar ao abandono, ao desleixo, ao desamparo, que é uma obrigação que ninguém pode fugir, rico ou pobre que seja: a questão da higiene ou, num sentido mais restrito, o asseio do corpo e a limpeza do vestuário e, ainda, da habilitação e a dos alimentos convenientes.

Isto, até certo ponto, é um cuidado, única e simplesmente, da atribuição das mães. Eu não me esqueço de que estou falando com trabalhadores que lutam com toda casta de dificuldades financeiras e econômicas, com o encargo de família numerosa, etc. Não esqueço isto, mas também estou convencido de que um pouco de boa vontade, ainda, no meio em que vivemos, cercados de tantos obstáculos, poderíamos ser um pouco mais cuidadosos e um pouco melhores do que somos. A água é o gênero mais barato de que podemos lançar mão. E muitas vezes é questão d'água. Parece, porém, que é mais fácil obter vinho ou outras bebidas nocivas ao organismo, que nos envenenam, que nos atrofiam o cérebro e o coração, do que água para lavarmos nossos filhos, água, esse elemento que dá vida e saúde, que torna os seres mais saudáveis, mais sãos, mais belos.

A necessidade da limpeza corporal, como também o asseio dos vestuários, manifesta-se num duplo sentido: primeiro pela ação salutar que exerce no organismo. Ninguém desconhecerá que é preciso conservar-se a pele limpa e desimpedida da sujidade, porque isso não só dá mais maciez à epiderme, torna a cútis mais aveludada, mais suave, mas também conserva os poros, de que a superfície de nosso corpo está como que crivada, desembaraçados para as funções de transpiração e absorção que à pele são próprias.

Em segundo lugar, como animais sociais que somos, com necessidade de manter relações com as pessoas que nos cercam, porque, neste caso, todos nos abandonarão, enojados e

contrariados. Há um não sei o quê de irresistivelmente atraente numa criatura que anda lavada, assim hostilização surda para com as pessoas que se mostram repugnantes, imundas.

Vê-se, pois, o papel preponderante que a água representa, não só na saúde, como também na sociabilidade de todos os humanos.

Com as crianças, é necessário que elas tenham a simpatia de todos. Que ninguém tenha receio de conversar com elas, de as interrogar, de lhes contar histórias engraçadas. Mas, para isso, é preciso que as mães tomem o cuidado para que elas sejam limpas e asseadas.

Como disse o grande pedagogo, Bain, “o fato da saúde corpórea ou o vigor, é um importante postulado para o desenvolvimento corpóreo e mental, mas o encarregado do ensino não se ocupa em estabelecer regras de higiene”.

Esta afirmação não é de toda exata, porque o professor não descera de seu papel mandando lavar ou lavando uma criança que se apresenta suja na aula. Simplesmente perderá tempo que poderia aproveitar em outras coisas e lhe ficará aquela má impressão que causa saber-se que uma criança tem mãe, mas não lhe dispensa, ela, as atenções devidas.

É por estas e outras causas semelhantes que é preciso o concurso dos pais e professores, cada um dentro da esfera que lhe é própria, para o estabelecimento de uma educação baseada em moldes racionais.

Há ainda uma pequena minudência e que não deveria escapar despercebida. As mães ou as pessoas encarregadas de olharem pelas crianças, não as deveriam deixar sair de casa para a escola sem lhes passarem revista, sem inquirirem se elas vão armadas dos apetrechos necessários, como sejam livros, canetas, penas, cadernos, etc.

Chegam as crianças e pergunta-se-lhes: Porque não escreve? — Esqueci-me da caneta (ou da pena) em casa. E isto é simplesmente perder tempo. Para o mandar a casa em busca

do que é preciso, demora-se, conserva-se pela rua e por lá fica todo o dia. Se fica na escola, deixa de estudar ou escrever, porque ele esqueceu-se, não tendo o cuidado e mais ninguém se lembrando em desempenhar desse pequeno trabalhinho.

Com o intuito de proporcionar às crianças algumas horas de prazer e de expansão — e é esse um dos pontos em que é preciso não esquecer, mas sim desenvolver e tornar prático, de maneira em que elas durante a travessia da vida que empreendem com a existência, se recordem dos tempos da infância e tenham nessas lembranças, muitas vezes, um lenitivo às suas dores, aos seus tormentos — o Conselho diretor da Liga Operária, guiado por esse desejo, e ajudado por alguns amigos, conseguiu levar todos os meninos no Bosque dos Jequitibás, no dia 26 de novembro, de modo que todos puderam correr, saltar, expandir-se, divertir-se. Forneceu-lhes um lanchezinho, fizeram-lhes trabalhar os cavalinhos de pau, tirou-se-lhes um retrato em grupo e depois foram-se embora a descansar das fadigas de toda a tarde.

Hoje vai-se distribuir a cada menino uma fotografia, que nada mais representa que uma simples recordação da sua passagem por esta casa, mas que é um documento evidente e autêntico que a todo o tempo não só lhes mostrará as feições de quando eram pequeninos, mas também lhe recordará que na sua infância já havia gente que se interessava, e trabalhava e se esforçava para que as crianças tivessem alegria, prazer, consolo. E isso incita-los-á a prosseguirem no caminho pelos de agora trilhado, anima-los-á a trabalhar, a lutar por tudo que representa progresso, civilização e adiantamento do espírito humano.

Senhores: se é certo que não se pode haver grandes esforços senão para os grandes objetivos; se é certo que só os grandes ideais nos podem inspirar, mover e tornar enérgicos e ativos, tomemos como grande objetivo, o maior objetivo, a educação da infância em moldes racionais.

Esforcemo-nos por dotar o espírito das crianças de todas

as faculdades e todas as qualidades próprias a fazê-las viver uma vida feliz, completa, fecunda.

Nossa época foi uma época de dúvida e de transição. Daí a tristeza que todos têm sentido, e de que se não têm compreendido, ou querido dizer sua razão profunda. Cada um de nós, em seu próprio ser, por sua parte, teve de refazer essa laboriosa história de seu século. Recebemos de nossos pais, além de hereditariedades obscuras, todas as figuras do velho mundo, a impressão profunda das ideias ante a ciência. Por isso, chegado a idade que se pensa, é nos preciso destruir antes de construir e, sobre um outro plano, desfazer e refazer pedra a pedra o edifício de nossa educação. Duro e ingrato trabalho que se não realiza sem íntimos sentimentos. Muitos saem desanimados.

Não leguemos aos nossos vindouros uma tal tarefa. Façamos o possível por dotar nossos filhos duma alma mais serena que a nossa; que eles ignorem nossas lutas e nossas contradições.

Deixemos-lhe uma feliz infância do coração, um espírito simples e reto em face das realidades, uma imaginação liberta de fantasmas.

Ensinemo-los a serem sinceros e verdadeiros. Que nunca sejam hipócritas, dissimulados, mentirosos.

Ensinemo-los a respeitarem e acreditarem de boa fé nos atos e nas ações leais que os outros pratiquem.

Que sejam serenos, imperturbáveis, ativos e enérgicos para poderem lutar com vantagem contra os obstáculos e perigos que a natureza e o mundo oferecem.

Que sejam bons, amáveis, tolerantes com a fraqueza do próximo, em suma.

Tenho dito.

Quem não trabalha
não come

ADELINO DE PINHO



O parasita,
deixa o mundo!

*Os famintos de hon-
tem serão os pionei-
ros da nova aurora*

Preço do exemplar

== \$300 ==

Quem não trabalha não come

Editado pelo Centro Editor Juventude do Futuro
e impresso na Cooperativa Gráfica Popular em 1920

*Os famintos de ontem serão os pioneiros
da Nova Aurora.*

Eis a formula breve e sintética, concisa e precisa, clara e luminosa que define e resume a moderna concepção social do operariado e que calou fundamente na consciência de todos os trabalhadores como a expressão de uma verdade há muito pressentida e pronunciada, mas que só agora se concretizou de um modo claro e definitivo pela justiça que encerra, pela verdade que exprime e pela oportunidade em que caiu em meio as massas populares neste momento de febre e de lutas em que elas se aprestam e preparam para dar o salto definitivo às instituições seculares de domínio e de compreensão, que as esmagam sob o peso de todas as maldades imagináveis e de todas as injustiças e ingratidões concebíveis.

Foram precisos séculos de dores e desditas, de escravidão e misérias incontáveis para que esta verdade simples e elemental de quem não trabalha não tem direito à vida, nem às comodidades provenientes do trabalho e do esforço de seus semelhantes, se tornasse compreensível bastante, recebesse luz intensa suficiente a abrir todos os olhos, a esclarecer todas as inteligências e a iluminar todos os entendimentos até os mais rudes, atrasados e obtusos.

Havia, é certo, um velho aforismo latino e que foi transplantado para a língua portuguesa na sua tradução literal de que “quem não trabaça não manduca”, mas a inconsciência popular era tanta que até as verdades mais evidentes não eram sentidas

nem compreendidas, servindo até muitas vezes de arma para os burgueses e as classes detentoras da riqueza social, escarnecerem e chasquearem dos próprios trabalhadores porque as almas simples e cordiais sempre serviram de mofa e irrisão à injustiça e imoralidade dos ricos e dos bem acomodados.

Já São Paulo, o apóstolo do cristianismo, a quem os positivistas consideram com justa razão, o fundador da religião, afirma: "Aquele que não quer trabalhar não deve comer." E ele vangloriava-se de trabalhar com os próprios braços para não ser pesado ao seu semelhante.

Também a Bíblia, um dos monumentos literários mais antigos da humanidade e que é um vasto repositório de costumes, de tradições, de lendas heroicas e de astúcias sugestivas e pitorescas dos antigos povos de origem hebraica, na sua primeira parte, o Genesis, a propósito da expulsão de Adão do paraíso terrestre, por ter desobedecido aos preceitos divinos que lhe proibiam comer os frutos da árvore da ciência do bem e do mal, põe na boca de Deus as seguintes palavras que são como a revelação e a constatação de que sem trabalho produtivo não há vida possível: "Comerás o pão amassado com o suor de teu rosto", quer dizer, o homem só tem direito à vida, à existência, só faz jus ao pão que come, aos alimentos que ingere, ao vestuário que enverga, ao teto que o abriga quando pelo esforço e pelo suor que derrama em um trabalho útil a si e aos seus semelhantes conquista o direito a tudo o que existe de confortável, de comodidade e de bem-estar geral.

Apesar, porém, destes pensamentos luminosos, expressos na simplicidade dos provérbios populares e na linguagem rude e ingênua dos versículos bíblicos, o que é certo é que o povo na sua secular e pesada ignorância desconhecia completamente o sentido profundo e justo dessas sentenças como que a indicar que a letra na sua gélida frieza pouco significativa quando não havia uma centelha de espírito vivificador que fizesse germinar e desabrochar pensamentos nos cérebros rudes, quase anima-

lescos, das rudes e incultas gerações que nos precederam e às quais devemos parte desse acervo de riquezas que constituem a glória, o relativo bem-estar e conforto, patrimônio da sociedade presente, competindo-nos aumentá-lo, alargá-lo e utilizá-lo para que nossos vindouros encontrem mais soma de ventura e de felicidade que nós deploramos não poder ainda fruir e gozar.

Compete-nos a nós, à humanidade presente, compreender e realizar esse trabalho ingente de transformar a sociedade, corporificando aqueles pensamentos generosos que espíritos e seres predestinados foram através dos tempos elaborando e exprimindo como uma aspiração latente dos grandes sonhadores e visionários que, descontentes das sociedades de seu tempo, pressentiam a marcha evolutiva da sociedade, o progressivo aperfeiçoamento dos costumes, a ânsia insopitável de melhorar e atingir formas sociais em que as dores e os sofrimentos fossem reduzidos ao mínimo, alargando e ampliando cada vez mais o campo do conforto, da sociabilidade e da fraternidade entre todos os seres, abolindo as castas e as classes, as diferenças de raças, as fronteiras e todos esses mil entraves que mentes acanhadas e egoístas, férteis em estratégias bárbaros têm oposto ao estabelecimento da igualdade e da solidariedade universal.

Quando, pois, a Revolução Russa varreu como um tufão a velha tirania czaresca, abastecendo um sistema secular e execrável de despotismo religioso, político e econômico que mantinha uma população de cento e trinta milhões de criaturas na mais abjeta e asquerosa das servidões que é possível conceber e descrever, e que o governo dos soviets inscreveu no art. 18 de sua Constituição aquele preceito sugestivo e lapidar: “quem não trabalha não come”, produziu-se como que um relâmpago na consciência humana; em todos os seres oprimidos e espezinhados, em todas as vítimas desta desengonçada organização social sentiu-se como que um aligeiramento da carga, uma diminuição do fardo, uma promessa de liberdade, uma satis-

fação de justiça, um início promissor de nova moral e de nova apreciação de valores, a queda das velhas fórmulas sociais e das velhas castas que às mesmas aderiam como o caracol adere à sua concha, e como a ostra se prende ao rochedo, a inauguração de uma modalidade social em que o mérito se abitole pelos atos práticos e úteis, pelas ações boas e sinceras, pelo desejo de acertar e de ser útil e não como até agora pelos pergaminhos, pelas manigâncias políticas, pelo peso da carteira ou pelo desenfreado da exploração, do açambarcamento e da roubalheira franca ou velada, legal ou ilegalmente levada a cabo.

Diante de uma verdade tão clara e rudimentar e que durante tantos séculos só foi percebida e concebida pelos raros eleitos do pensamento da ciência, a humanidade pareceu sair de um sonho, acordando estremunhada e aliviada de um pesadelo funesto e gigantesco que a afligiu desde o princípio do mundo, alvoraçada e comovida com a ideia generosa e liberal de se começar a trilhar novo caminho, palmilhar nova estrada, seguindo rumo à libertação completa, franca e categórica do gênero humano resgatado do trabalho aviltante, esmagador e embrutecedor da quase totalidade de seres em proveito de uma ínfima minoria de parasitas sociais que, como o juiz da fábula, se contentava e contenta em comer a carne, dando os detritos como esmola aos produtores, tornando esse trabalho regenerado, racional e atrativo, acessível e extensivo a todas as pessoas validas, fortes e sadias, só excluindo desse encargo os velhos, falhos de força e como recompensa aos seus passados esforços; as crianças, futuros trabalhadores, como tenras e débeis demais para tarefas em que a força e a atenção são necessárias e indispensáveis à produção útil e consciente, ao mesmo tempo que um trabalho precoce prejudica o seu pleno desenvolvimento físico, como também as suas faculdades mentais e morais; e os doentes que como facilmente se percebe, precisando estabelecer-se, indubitavelmente necessitam repouso, sossego e paz do corpo e do espírito.

E foi assim que a humanidade saiu dessa longa passividade em que durante milhares e milhares de anos se conservou mergulhada nesse engano torpe e indigno de que o mundo pertence a meia dúzia de audazes sem escrúpulos e de que é impossível estabelecer a igualdade na terra devido a sempre ter havido pobres para trabalhar e ricos para gozar e estragar a vida das sociedades. Só agora sentiu a verdade das afirmações dos pioneiros modernos do liberalismo quando afirmavam que o fato de sempre até agora assim ter sido não era demonstração suficiente para que assim continuasse a ser indefinidamente, visto no mundo tudo obedecer às leis do progresso que tudo transforma, tudo modifica e tudo metamorfoseia.

E aquela desconfiança e descrença que as massas trabalhadoras mantinham em face as nossas afirmações revolucionárias de transformação como se evaporaram diante do Sol radioso da Revolução Russa que com seus jorros de luz e liberdade nos fornecia um fato concreto e tangível de renovação social, uma afirmação peremptória e concludente de que é possível estabelecer um estado social onde todos compartilhem do trabalho são e útil, tornando-se também extensivo a todos os gozos, e os frutos desse trabalho, a todos sendo acessíveis os produtos do campo e da oficina, da escola e do teatro, do subsolo e da atmosfera sem outra medida além das necessidades dos seres, de acordo com as da coletividade.

É que isto vem comprovar aquela frase justa e verídica que diz valer mais um fato, uma ação, que mil ditos.

E como a humanidade tem sido tantas vezes enganada pelos falsos pastores que tudo prometem e a tudo faltam, este catecismo das massas, é até certo ponto justificado ao mesmo tempo que recomendável.

E visto que na Rússia se inaugurou um regime em que o trabalho útil é obrigatório para todos que pretendam ter direito aos gozos do trabalho coletivo, e, visto ter resistido já durante três anos às investidas ferozes e ignóbeis de todos os

piratas do mundo, desejar será que de lá irradie, se propague e espalhe por toda a terra onde ajam seres viventes para que a chamada luta pela vida, luta de competições, de rivalidades, de interesses mesquinhos e egoístas, se transforme em acordo mútuo de todos, em cooperação harmônica que a todos faça compartilhar dos perigos e dos seus bons ou maus resultados, do trabalho e dos seus benefícios, das suas iniciativas e de suas úteis vantagens, todos unidos no mesmo ideal de amor e liberdade, consumindo segundo as suas necessidades ou possibilidades de produção e todos trabalhando agrupados por especialidades, ofícios e afinidades, conforme as inclinações e aptidões pessoais e as exigências da sociedade, todos propendendo para o bem e para a felicidade de seu semelhante numa coordenação de esforços, numa convergência de desejos, numa unanimidade de vistas para alcançar o alvo e a perfeição final, sem nada que se pareça com a atual sociedade em que todos e cada um tratam de atropelar para não ser atropelados, roubam para não ser roubados, tornam-se prepotentes para inspirar receio e medo aos fracos e aos tímidos, ou aos honestos e probidosos.

Por consequência, bem andaram os revolucionários russos em inscrever em sua Constituição em letras de ouro já hoje imorredouras aquele disco simples mas formidável, ameaça e admoestação à casta parasitária do universo: **QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME!**

Epopéia do trabalho

Nasceu o homem nu e desamparado, de compleição franzina e débil, mais fraco que qualquer outro animal, demandando a sua criação mais cuidados e um grande lapso de tempo para o seu desenvolvimento não possuindo armas e defesas próprias e naturais que se possam confrontar com as garras do leão, com as presas do tigre, com a força do elefante,

nem com a marcha rápida da lebre e do veado. No entanto, apesar desta inferioridade primitiva e original mal grado esta debilidade congênita do ser humano que ainda hoje não pode lutar desarmado com várias espécies de animais ferozes o “bicho” homem que há muitos séculos atrás mal se distinguiria da família dos macacos, nascendo nu, veste-se hoje dos mais quentes finos panos, calça os mais cômodos e elegantes sapatos, habita casas relativamente confortáveis, (ele que vivia em cima das árvores e nas úmidas cavernas!) viaja em rápidos paquetes, em confortáveis vagões de estradas de ferro puxados por possantes locomotivas e, agora, com os leves e elegantes aeroplanos, pode até voar pelo espaço azul conquistando os paramos celestes aos alígeros seres que até há pouco gozavam de seu domínio exclusivo e de sua posse indisputada.

Alimentando-se de frutos silvestres e de raízes vegetais ou dos animais que podia colher em suas emboscadas, hoje tem uma alimentação que só não é substancial e abundante em virtude do comércio açambarcador e negociista retirar os gêneros do mercado, para os monopolizar e vender mais caros e falsificados.

Sulca os mares em todas as direções e devassa os céus com seus telescópios através as imensidades do infinito, descobrindo as leis que regem a matéria e uma multidão de mundos, de sois e de estrelas que maravilham os olhos e arrebatam o espírito. Mas, perguntarão, sendo homem primitivo tão fraco, tão desprovido de recursos, tão falho de condições favoráveis, como é que conseguiu elevar-se de animal indefeso e frágil que era a rei da criação que hoje se arroga a ser? Nascendo rodeado de miséria, em meio a dificuldades inumeráveis, quase invencíveis, como é que hoje se sente rodeado de conforto, relativo, é certo, de civilização e de abundância? Que varinha mágica lhe permitiu como que operar esta metamorfose maravilhosa que transformou a ignorância em ciência, a fraqueza em força, a escassez em fartura, a miséria em abundância, a doença em

saúde? Como explicar esta mudança, a primeira vista, quase incrível, em meio de condições tão desfavoráveis: condições físicas, climatéricas, mesológicas, com falta de alimentos, de vestuários, de habitações, como explicar — repetimos — este prodigioso desabrochar de industria, de comércio, de relações mutuas e de todos os povos, esta troca de produtos e de ideias, este entrelaçamento de interesses e de relações internacionais, quando as raças primitivas viviam completamente isoladas e desconhecidas entre si?

Porque condão primoroso o homem primitivo, nosso antepassado de há milhares de anos, que ignorava a linguagem articulada, manifestando-se por sons isolados, por gritos interjetivos, que em pouco o diferenciariam do rugido animal, conseguiu desenvolver este maquinismo complicado, esta engrenagem maravilhosa que constitui hoje a nossa linguagem tão aperfeiçoada que permite exprimir toda a delicadeza de nossos sentimentos, todas as ânsias de nossos corações, toda a poesia da musica, do amor e da paixão ideal?

E a escrita? Como surgiu e se desenvolveu ela de forma a perpetuar através dos tempos as maneiras de sentir e pensar as gerações passadas, os seus costumes, as suas lutas, as suas desditas e os seus hábitos sociais?

E a imprensa? Como expor a sua evolução e seu extraordinário aperfeiçoamento desde a oficina de Gutemberg — em suas primeiras tentativas — até ao advento das linotipes, modernas máquinas de compor que mais parecem ter juízo e vontade própria serem um simples aparelho mecânico de ferro?

E na industria metalúrgica? Transportem-se em pensamento aquelas remotíssimas épocas em que os broncos nossos avós, vivendo vida inteiramente vegetal, sem ferramentas de qualquer espécie, de mãos rudes e cérebros chatos e obtusos, e depois apreciem a delicadeza e finura a leveza e a graça dessas peças minúsculas, quase microscópicas que constituem a engrenagem de um relógio de senhora, e verão a extensão do ca-

minho percorrido, a diferenciação extrema, quase irreconhecível que se tem verificado entre o ponto de partida, naqueles afastadíssimos tempos, e o ponto de chegada em que temos a felicidade de viver época de progresso, de transformação e de civilização relativa e militar.

Mas que Maga, que Fada ou Titã terá obtido esta transformação lenta mas radical, demorada mas constante do mundo e do seu aspeto, da humanidade e de tudo que constitui o campo da sua atividade criadora e construtiva, em qualquer departamento em que se divida: mental, moral, industrial, científica?

É o trabalho forte e fecundo a alavanca universal que cria mundos que transporta montanhas, que rasga istmos, que disseca pântanos, que fura túneis, que constrói viadutos, pontes e calçadas; que abre caminhos, ruas e estradas; que edifica palácios, casas e teatros; que funda escolas, museus e laboratórios. Foi o trabalho quem roubou o fogo aos céus em figura de Prometeu; que conseguiu apoderar-se do raio das nuvens, quem domesticou os animais, tornando-os seus colaboradores; quem devassou os adustos e impenetráveis sertões; quem descobriu a América e a Austrália, quem circundou o globo, quem viajou até aos polos. Tudo que há de útil, de belo e grandioso, as pirâmides do Egito; os grandes aquedutos, os enormes e mastodônticos vapores as elegantes estátuas, as rendilhadas catedrais, as mil e uma maravilhas do mundo, os grandes poemas como os Vedas, a Bíblia, o Avesta, a Odisseia, a Divina Comédia, o Dom Quixote, os Lusíadas, a Lenda dos Séculos, a Visão dos Tempos pode-se dizer que são produto do trabalho constante, do esforço persistente, da ação permanente de quem ideou e de quem executou, de quem planejou e de quem realizou, de quem projetou e de quem efetivou esses admiráveis monumentos que são o enlevo os olhos e o pasmo da inteligência e que gerações e gerações de trabalhadores edificaram e realizaram, como que para mostrar a posteridade quanto vale o esforço conjuga-

do das populações movidas por um ideal comum e elevado. Foi pela lida diária, pela tarefa cotidiana, pela obstinação reiterada de todas as gerações de trabalhadores de todas as épocas que a sociedade atingiu este relativo aperfeiçoamento físico, mental, moral, industrial, econômico e científico de que nos orgulhamos e de que poucos se beneficiam em detrimento de todos os restantes.

Sim, sem o trabalho penoso e exaustivo, teimoso, pertinaz que a humanidade que a si mesma se impôs e que veio realizando de século em século, ainda hoje andaríamos nus e errantes, através das florestas ou empoleirados nas árvores, pulando de galho em galho, em busca dalgum raro fruto silvestre que mal chegaria para iludir a fome que nos assedia.

E vejam o desconcerto da natureza:

Precisamente o homem que nasceu nu e desarmado, inferior sob tantos aspectos a tantos outros animais, é que tornando em força suas próprias fraquezas conseguiu-se afastar cada vez mais da animalidade em que estava engolfado até emergir em ser pensante e racional, através de fases diversas, por etapas sucessivas, por aperfeiçoamentos gradativos, vencendo angustias sem conta e dificuldades quase insuperáveis que lhe eriçavam o pedregoso e interminável caminho. O homem vendo-se nu e desagasalhado, observou que outros animais possuíam espessas coberturas de lã que os defendiam contra o frio e sentiu talvez um vago desejo de se apoderar do animal para despojar de sua pele lanzuda e com ela se aquecer e cobrir. Desarmado de fortes presas e potentes garras teve necessidade de recorrer às duras pedras, aos galhos das árvores e aos ossos dos animais que matava para se defender e atacar as feras que o perseguiram ou que constituíam seu alimento predileto. E foi assim que, achadas as primeiras armas e os primeiros utensílios ou ferramentas, estava encontrado o caminho do aperfeiçoamento perene, à custa de tentativas reiteradas, de invenções renovadas, de

ensaios repetidos, de experiências e observações empíricas e apenas esboçadas. Mas bastou o primeiro sucesso alcançado para lhe revelar a utilidade das coisas e dos seres que o rodeavam que o levou paulatinamente a procurar novos auxílios e novas lições experimentais à mente grosseira e despolida, mas que muitos séculos depois alcançou em seus descendentes, muitíssimos afastados, um pleno desabrochamento que muito promete florir e frutificar.

Mas quem poderá historiar a longa série de sofrimentos padecidos, de lutas travadas, de sonhos desfeitos, de iniciativas frustradas que os trabalhadores primitivos tiveram de vencer, desprovidos de ferramentas, falhos de modelos, carecendo de materiais indispensáveis a toda iniciativa, tendo, de tudo improvisar, servidas apenas por uma inteligência grosseira e rudimentar, acanhada e raquítica, sem outro estímulo e sem outro guia fora de sua fantasia e teimosia?

A História do trabalho, dos obstáculos que venceu, das fases porque passou, das lutas que sustentou, das vitórias que obteve, construiria a mais verídica História da Evolução Humana que seria de desejar, mas que está por escrever e que certamente nunca se escreverá porque os seus começos residem mergulhados nas brumas dum passado distante em que não havia escrita e cujas as tradições se perderam com o rodar dos séculos e que só por analogia dificilmente se poderá reconstruir.

No entanto, que assunto esplendido para tentar uma imaginação opulenta e inspirada de poesia, história e filosofia, que quisesse esboçar a longa tragédia do trabalho útil e criador!

Eis em apagados e inexpressivos traços como que um esforço rápido e impreciso daquilo que se deve ao trabalho, este Briareu de múltiplas cabeças e múltiplos braços, colosso velho e sempre moço, Fênix que renasce da própria cinza e a quem se deve a tudo que somos, todas as riquezas que desfrutamos e todas as comodidades que o apanágio e atributo da sociedade

em que vivemos.

E, pois que ressalta evidente e demonstrado o valor, a utilidade, as vantagens imensas do trabalho útil e produtivo, compreende-se logo implicitamente a perniciosidade, a nocividade e o dano que causam à coletividade todos os parasitas que vivem à margem do trabalho, sem dele participar, dele afastados e por ele sentido horror e repugnância. Esses tais que vivem gastando-se a si mesmos como a roda do moinho se gasta quando lhe falta o trigo, furtando-se à sorte geral dos seus semelhantes, gozando dum privilégio que é uma afronta e uma provocação a todos os trabalhadores, vivendo numa crimosidade criminosa que os róí, como a ferrugem róí o ferro, constituem uma categoria de indesejáveis — ociosos, indivíduos indolentes, imprestáveis e perigosos ao sossego e felicidade geral, urgindo acabar por reduzi-los à sorte comum do trabalho, fazendo-os empunhar uma enxada ou um martelo para desse modo conquistarem o direito à vida e os confortos sociais.

É uma medida necessária e urgente de aplicação, pois são chegados novos tempos de roteiros e de iniciar novos princípios de moral.

Vejam a opinião sensata de Smiles a propósito dessa gente que só serve para absorver suor de quem trabalha a troco de direitos que se não justificam e que só escondem uma preguiça e indolência inqualificáveis: “A indolência degrada tanto os indivíduos, como as nações. Ela nunca deixou vestígios seus no mundo. Nem nunca há de deixar; jamais subiu uma montanha, nem venceu uma dificuldade que pudesse evitar; sempre falhou em tudo e há de falhar, porque, pela própria natureza das coisas, nunca pode conseguir nada; é um peso, um embaraço, um estorvo; não serve para nada e anda sempre queixosa, melancólica, miserável”. Naturalmente, esta invectiva não é dirigida à casta dos parasitas dourados, mas quem são os verdadeiros, os refinados parasitas, senão todos os bur-

gueses que com desculpas ou sem elas fogem com o corpo ao uso do trabalho útil e produtivo?

Concluamos, pois, este capítulo proclamando a soberania e a indispensabilidade do trabalho, gritando a plenos pulmões: "QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME!"

A sorte dos trabalhadores

Demonstrado e verificado como é do trabalho que resulta toda a soma do bem-estar, de confortos e benefícios que nos oferece o desenvolvimento da agricultura, das indústrias e dos ofícios e profissões que correm duma forma eficiente e incontestável para o alargamento e a melhoria de condições de vida para a humanidade, seria de supor que os agentes desse instrumento transformador e renovador que é o trabalho útil que resulta toda a soma de bem-estar, de estima geral de toda a sociedade, vistos com a melhor simpatia, rodeados do máximo conforto e máximo respeito. Porque quando se fala do trabalho, fala-se implicitamente do trabalhador.

É este que dá vida, impulso e expansão a toda sorte de iniciativas e o trabalho sem o braço executor do trabalhador seria pura abstração, não existiria. Pois, como íamos dizendo, numa sociedade racional, que se prezasse de culta, pelo menos de compassiva, e que não tomasse como coisas vãs e insignificantes o respeito que se deve ter pelo sentimento de gratidão que despertam os benefícios recebidos, os trabalhadores deveriam gozar de todas as atenções imagináveis, duma situação invejável a todos os respeitos, das garantias mais liberais e afetivas que fosse possível imaginar. No entanto, o fato veredito, impossível de ocultar é que o trabalhador, fazendo jus a todos os respeitos e considerações, é desprezado e espezinhado; criando todas as riquezas e todos os confortos, vive no maior abandono e miséria; tecendo todos os estofos, anda nu; construindo todas as casas, palácios e edifícios não tem um

buraco ou uma guarida onde se abrigue; cultivando o dourado trigo não tem um pedaço de pão com que muitas vezes possa aplacar a fome que o devora; edificando as escolas não as frequenta; imprimindo os livros não os lê por falta de meios para os comprar ou porque é analfabeto; criando tudo que existe de bom, de belo e de grandioso, vive à margem excluído de todos os benefícios, de todos os frutos que seu titânico esforço conseguiu produzir e acumular...

E é assim, no meio dessa esmagadora e negra ingratidão, rodeado de afrontas, ouvindo escárnios e insultos, recebendo açoites e morte afrontosa, passando fome e privações, supliciado e crucificado, pária, sudra, servo da gleba, escravo, proletário, sempre perseguido, sempre chacoteado e vilipendiado, sem pão para a boca, e sem conforto para o corpo e para o espírito, mergulhado na mais crassa ignorância e na miséria mais abjeta, que ele vai subindo a ladeira íngreme do calvário, através das frondas mais vis e das injurias mais acerbadas e cruéis, recebendo o epíteto mais deprimente e ignominiosos, o caminho duma estrenhosada justiça que nunca chega e duma aspirada ventura com que nunca depara.

Não tem nome, nem pátria, nem categoria social. É a multidão anônima, a canalha vil, a ralé despreziva, a patuleia imoral, a plebe revoltada, o povo sempre iludido. Não tem pergaminhos, nem certidão de idade. Quando morre vai para a vala comum como um cão, um burro que serve para estrumar a terra.

Esse povo, é certo, carrega o mundo nos ombros e bastava uma pequena sacudida para o lançarem panderecos e obrigar a reconstituí-lo de forma mais justa e equitativa. Esta plebe amorfa tem estado, porem, a dormir e enquanto não desperte dessa letargia do pensamento e de inteligência que está mergulhada a séculos, nada fará que a liberte de seus exploradores e aproveitadores. Mas há de chegar a hora do ajuste de contas e ela tomará posse de tudo que tem pro-

duzido e que miseravelmente lhe tem surrupiado a troco de enganos e falsas miragens.

As presumidas classes dirigentes têm vindo durante o curso da História forjando e inventando os meios mais absurdos, as razões mais grotescas, as ciladas mais repugnantes ignominiosas para manter essas cortes de rudes e heroicos trabalhadores num estado abjeto e miserável, em condições calamitosas para que nunca eles pensassem em poder quebrar as gargalheiras da afrontosa escravidão milenar, furtando-se ao despotismo e à tirania dessas castas parasitárias que com a religião e as guerras embrutecem a gerações de trabalhadores, eliminando os melhores do número dos vivos e conservando os outros numa situação muito inferior à dos seus animais de luxo e de recreio.

Chegou, porem, o tempo das grandes transformações e até os cérebros rudes dos rudes trabalhadores se vão polindo e abrindo à luz das novas renovações sociais, não havendo hoje um cérebro único de trabalhador que não esteja convencido de que tem sido vítima imbele e indefesa da maldade, da exploração desenfreada e do roubo persistentes que os governantes e os grandes magnatas da indústria e do comércio têm contra ele exercido.

Do mesmo modo que estão todos convencidos de que a situação social é insustentável devendo acabar para dar lugar ao advento dum estado social livre e progressivo onde todos tenham seu lugar ao sol em troco dum trabalho proporcional às forças e às aptidões de cada um.

Efetivamente, o trabalhador é a força, a atividade, o movimento, a energia e a ação constante, inquebrantável, infatigável, que move tudo e a tudo imprime vida, vigor, utilidade e proveito. E a prova disto é dada com uma simples greve. Quando há paralisação total, ou quase total, do trabalho numa cidade, vejam a tristeza e o aspecto melancólica de tudo e de todos. Os semblantes aparecem vincados e carregados como a

denunciarem o imprevisto que os preocupa. De fato, ninguém está certo de ter no outro dia luz que o alumie, pão e alimento que o sustente, veículo que o transporte, leite e carne para os doentes e sossego e felicidade para os sãos.

No entanto, obstinam-se em não querer dar carta de alforria ao paciente trabalhador que tudo sacrifica para que a máquina salarial não se desconjunte. Mas, digamos uma coisa: Se os trabalhadores morressem num dia, o que seria dos ricos, dos parasitas, dos calaceiros e dos sanguessugas de profissão? Só então eles perceberiam quanta injustiça têm praticado com esses humildes, laboriosos e pacientes criadores de todas as riquezas e com os quais têm usado tanto rigor, tanta rispidez, tanta severidade em troca de suas energias, de suas forças e de suas úteis existências.

E já o notável comunista francês Saint-Simon, um dos precursores do socialismo moderno, uma vez, exprimiu de modo humorístico essa grande verdade.

Disse ele mais ou menos: "Se de repente morresse o rei já tínhamos o herdeiro garantido; se ao bispo de Paris, aos ministros, aos deputados, aos políticos, aos juizes, aos militares e a uma multidão de funcionários dispensáveis e inúteis os levasse ao diabo, além de os podermos substituir facilmente restar-nos-ia ainda o consolo e o recurso de deixar vagos esses seus lugares. Se, ao contrário, os trabalhadores morressem todos num dia, o que sucederia? Sem pessoal nos estabelecimentos nos mercados e nas feiras; desertos os caminhos de ferro, as alfândegas, os portos e os armazéns: sem ninguém que abastecesse de gêneros frescos as cidades, as vilas e todas as populações, nesta situação levantar-se-ia um clamor de espanto que atroaria o espaço, como trombeta apocalíptica, com grito de: salve-se quem puder!

Todos os laços se quebrariam, romper-se-iam todos os vínculos e a novos e velhos, a padres e a leigos, a militares e a civis, a homens e a mulheres, à humanidade restante só restaria

esta alternativa: ou começa de novo, ou morre duma vez!

E quem haverá aí de negar a exatidão desta imagem cheia de verdade e de pinturesco e que só perde por ter sido reconstituída de memória, pois há já muitos anos que foi já lida e fixada na mente do obscuro rabiscador, tal a significação profunda de verdade que encerra?

Não há dúvida. É necessário começar de novo. A sociedade burguesa chegou a tais apuros, foi de tal modo levada à beira dum abismo que não lhe resta saída. Ou recua para iniciar marcha nova para estrada nova, ou avança e precipita no fundo do abismo onde a morte inglória e infamante a espera como coroamento à obra de insensatez e de maldade que até hoje realizou.

Os trabalhadores precisam mudar de situação. É já longo o seu caminho de seu penar e de seu sofrer para que as classes parasitárias se convençam e se capacitem de que por bem ou por mal precisam abrir mão de suas regalias injustas e ladravazes em favor dos eternos produtores e das eternas vítimas do despotismo desenfreado dos magnatas de todos os tempos.

Todos são iguais ao nascer e ao morrer. Todos procedem daquelas remotíssimas eras em que a miséria e a animalidade a todos irmanavam na dor e no sofrimento. Como, pois, explicar que a uns só pertença o trabalho e a outros só caibam os frutos desse trabalho? Muito antes do homem surgir na terra já ele existia. O homem é filho da terra, e não vice-versa. Só surgiu quando aquela reuniu as condições indispensáveis ao desabrochamento da vida animal que se foi aperfeiçoando por metamorfoses sucessivas, desde o mosquito ao elefante, desde a borboleta, à águia e ao avestruz.

Como, pois, que compreender que meia dúzia de piratas se apossassem da terra mal, livre e comum, que a todos nos pertence e que todos cá encontramos quando nascemos, que existiu sempre, que por ninguém foi criada, em detrimento da maioria humana que se desejaria fecundá-la com seu sangue,

regá-la com seu suor, para tirar delas meses abundantes, mas que da mesma é arredada e expulsa, porque essa meia dúzia de abutres a monopoliza como arma de predomínio, não a fecundando nem deixando aos outros fecundá-la?

É necessário, pois, mudar de rumo, começar vida nova, acabando com todos os monopólios e com todos os instrumentos de servilismo e de escravização proletária. Já que todos participam dos frutos do progresso e do trabalho humano, urge que todos sintam a necessidade, o dever, a obrigação moral de concorrer com a sua parcela de esforço, de energia e de atividade a favor desse trabalho tão malsinado, tão caluniado e desprezado que tudo proporciona em troca dumas horas de esforço e de paciência.

Reabilite-se o trabalho fatigante, mas produtivo pelo concurso e adesão de todos os videntes às suas exigências e regras. Que cada abelha dê mel e a cera que puder para a construção desse favo promissor, o trabalho comum, redimido e libertado, que há de trazer a paz, a igualdade, a fartura e a solidariedade como sucessor natural desta sociedade de trabalhadores espoliados. Quem se furtar ao trabalho é inimigo e como será considerado.

Já o disse o poeta em seu hino de fogo:

“É justo aos parasitas dar batalha.

A terra só pertence a quem trabalha.”

Também o emitente Guerra Junqueiro em suas notas ao poema *Morte de D. João* exprime esse pensamento quando, referindo-se à significação moral de seus versos que escandalizaram tanta gente que se supõe honesta, declara que não seguiu a clássica rotina de poetizar e engrandecer o personagem, devasso, incorrigível, para no fim da vida castigá-lo, precipitando-o nas gargantas do inferno que sorvem o condenado.

E acrescenta! “Para um malandro é épico demais. D. João na sua qualidade de parasita, morre como deve morrer: de

fome. Quem não trabalha não tem o direito à vida.”

Muito bem exprimido, em verdade, e que essa sentença luminosa sirva de advertência a todos os parasitas, a todos os malandros, a todos os “D. Joões” que por aí flanam e perambulam sugando a seiva do trabalho alheio, corrompendo os costumes, a moral e a família dos trabalhadores.

Não há por onde escapar. O mundo é grande o bastante e tem recursos suficientes onde todos empreguem a sua atividade, o seu esforço, as suas faculdades de vida e de trabalho útil e necessário. Só para a casta parasitária de vadios inveterados e crônicos, de zangões da colmeia social que chupam o mel e só deixam os resíduos às abelhas fecundas e laboriosas, é que vai faltar terreno apropriado às suas costumadas proezas e aos seus perniciosos hábitos de consagrada vadiagem.

Apressem-se, pois, em tomar lugar no imenso exército de trabalhadores. Se o sol quando nasce é para todos, o mesmo deve acontecer com o trabalho que a todos beneficia e do qual muitos não participam. Olhem que quem não trabalha não come.

Nada de confusões

Há um preconceito inveterado e consagrado que quase todos aceitam e tomam como ouro de boa lei, quando no entanto não passa dum reles pechisbeque, dum engano e embuste que é preciso desmascarar e esclarecer. É o seguinte. Muitos numerosos patifes que acumularam grandes ou médias fortunas gabam-se e blasonam dos haveres que possuem dizendo que são frutos de seu trabalho, de seu esforço, de sua atividade, e, a primeira vista, parece vulgo dar-lhe razão e acreditá-los. Mas a cilada consiste num erro de apreciação. Pergunto eu: o vendeiro que falsifica os gêneros e que vendem artigos deteriorados que nos arrasam o estomago e envenenam o organismo poderá ser considerado um trabalhador? O açambarcador que vela a noite

inteira pensando no modo de abarcar a produção, fazê-la rarear no mercado ou explorá-la, produzindo a carestia e condenando nossas infelizes criancinhas à morte de fome, poderá considerar-se um trabalhador? O industrial que à força de goma faz os tecidos parecer muito fortes e se aproveita desse estratagema para vender caro aquilo que não presta, pode ser tomado por trabalhador? Os falsificadores das bebidas, os falsificadores da farinha a qual adicionam caolim e outros ingredientes perigosos, os fabricantes de salames com carnes podres e impróprias, os que misturam areia no açúcar, na pimenta e na canela em pó, todos estes se poderão considerar trabalhadores?

Não, absolutamente. A sua atividade redundando em prejuízo de toda a humanidade, e os seus manejos indecorosos e habilidosos visando o enriquecimento rápido, da noite para o dia, não podem ser tomados nem designados por trabalho.

Chama-se-lhe trafico, roubo, exploração, pirataria, envenenamento, ou aquilo que queiram, mas não de trabalho porque isso seria corromper essa nobre expressão.

Por trabalho compreende-se toda atividade manual ou mental que aumenta os confortos da vida coletiva, alargando os nossos conhecimentos e as possibilidades humanas de mais progresso, de mais civilização, de maior fraternidade e solidariedade. Tudo que nos melhore coletivamente, tudo que nos illustre, tudo que nos esclareça, tudo que ocorra para os progressos morais, econômicos e científicos da humanidade, é trabalho na larga acepção do termo.

Tudo que não seja isso desonra o trabalho e como tal não deve ser designado.

Esses abutres que não trepidam em cometer as mais torpes e censuráveis ações com os olhos somente fixos na riqueza e no cofre, cuja a religião consiste em só adorar e sacrificar o bezerro de ouro, que não recuam diante de nenhum delito desde que por ele alarguem os seus domínios de poder e de riqueza, são uns monstros perigosos à sociedade, à tranquilidade pú-

blica e o sossego das gerações.

Agitam-se, movimentam-se, mas seria melhor para a coletividade que permanecessem quietos, que se não mexessem, porque desse modo os nossos estômagos estariam mais resistentes e a sociedade mais tranquila porque teria esses inimigos de menos.

Nestas condições, não se deve tomar como trabalho tudo que possa corromper e prejudicar a sociedade, ou tudo aquilo que não tenha utilidade e não concorra para o alargamento e aumento da felicidade universal. É assim que consideramos bons trabalhadores os cultivadores do campo — os trabalhadores por excelência — os pedreiros, os carpinteiros, os serralheiros, os padeiros, os alfaiates, os sapateiros; os trabalhadores de transportes marítimos e terrestres; os trabalhadores do correio e dos telégrafos; os médicos, os engenheiros e os professores; os enfermeiros, os coveiros e os varredores; e, como é impossível enumerá-los todos, diremos que são trabalhadores todos os indivíduos que no domínio manual ou intelectual empregam a sua atividade em serviços e coisas úteis a si e aos seus semelhantes. Pelo mesmo modo, não consideramos trabalhadores todos esses parasitas que vivem do jogo, da espionagem e da cafetinagem; nem os soldados que, enquanto em serviço da caserna, são simples instrumentos de tirania e de escravidão, manejados pelos mandões que só assim garantem o exercício rendosos de seu domínio e de sua exploração. Parasitas, e da pior espécie, consideramos esses agentes atravessadores de negócios, intermediários astutos e intrusos entre o produtor e o consumidor, a ambos arrancando couro e camisa, a ambos deixando na miséria ao passo que eles levam vida regalada no dolce far niente de suas imorais transações que nada mais representam que esbulhos, roubos legalizados e tolerados pelas leis sempre favoráveis aos salafrários de todo calibre.

Não, não continuemos a perpetuar com nosso silêncio com que muito o explorador pretende justificar o acúmulo e a posse de riquezas de que se apoderou ilicitamente. O caminho de seu triunfo está semeado de dores, de sofrimentos, de lá-

grimas de pobres mães e de inocentes crianças que gemeram, padeceram e morreram para que um Cresco qualquer, crasso de ignorância e possuído dum ilimitado apetite de riqueza, de gozo e de bambochatas pudesse amontoar fortuna colossal e ter ainda o atrevimento, o descoco e o desplante de querer justificar-se e passar por trabalhador.

O trabalhador, o verdadeiro trabalhador, que aluga braços, cérebro e coração à seus algozes, a seus sangradores, e que vive do esforço infatigável do trabalho cotidiano, sabe, por experiência própria, que nunca lhe sobre um vintém, mas muitas vezes lhe falta o preciso para a miserável e modesta manutenção de seu lar desguarnecido. Pobre trabalhador! Sempre rodeado de canseiras, curvado ao trabalho forçado, dia e noite absorvido pela ideia fixa e alucinante de conquistar o pão que lhe falta, tendo por leito um mar de miséria e por travesseiro um dilúvio de dores, vestindo um manto de espinhos e sangrando os pés nos duros seixos da estrada, mãos calosas e cabelos desengrenhado, lá segue o bom obreiro da civilização, esse paciente agente da transformação e renovação universal, escarnecidos por uns, desprezado por outros, a caminho de um mundo risonho e ideal que as religiões lhe prometeram e que nunca lhe deram, mas que ele saberá conquistar a sua indomável energia, com o seu inquebrantável esforço e com a sua nunca desmentida capacidade para o trabalho.

Sim, meu irmão trabalhador, já conquistaste este mundo, às forças brutas da natureza.

Transformaste brejos em jardins, florestas em cidades ou em campos verdejantes, ligaste os mares, mudaste o curso dos rios, de lugares pantanosos fizeste risonhas e higiênicas povoações, ganhaste batalhas que só glorificaram o general, deste caça às feras em seus covis e aos bandidos que das alcantiladas serras perturbavam o seu sossego e o fruto de seu trabalho. Pois, agora, precisas conquistar outra vez este mundo; mas reconquista-o para ti, sem demora, arrancando-o das mãos dos rapinantes que até hoje o têm desfrutado em teu proveito e prejuízo. E agarra-o,

segura-o bem, com unhas e dentes, para ninguém mais o arrebatá-lo. É teu, pertence-te. Aperta-o bem contra o seio, não o deixes fugir. E aos que queiram dele participar grita-lhe demoradamente: se queres viver, trabalha! Quem não trabalha não come!

Trabalho manual e intelectual

Um outro preconceito muito enraizado e muito injusto que precisamos desfazer e esvair é esse de pretender incompatibilizar os trabalhadores manuais com os trabalhadores intelectuais e vice-versa, e que leva a tantos mal entendidos.

Efetivamente, os intelectuais, professores, funcionários e técnicos de toda espécie que têm conhecimentos gerais sobre os mais diversos ramos do saber e das indústrias modernas, pelo fato de terem estudado e adquirido uma certa cultura e uma certa soma de conhecimentos, e como são os verdadeiros administradores das fábricas e das estradas de ferro, dos portos e de todas as grandes empresas, devido à incompetência e ignorância que geralmente os donos desses estabelecimentos revelam e de que padecem, são atraídos pelos burgueses, adulados e bajulados e com o contato com os de cima chegam muitas vezes a esquecer que também são salarizados. Que é do trabalho diário e ininterrupto que tiveram do sustento da família como qualquer outro operário ou trabalhador. Dá-se também o caso de algumas vezes serem interessados nos ganhos da fábrica ou da empresa e, nesse caso, são perigosos porque quanto maior for o lucro no fim do ano, maior será a parte que lhes tocará obrigando-os a ser egoístas e arbitrários.

Mas isso é ainda uma cilada dos patrões e dos governantes, que têm todo o empenho de manter os técnicos e os funcionários de seu lado, transformando estes em instrumentos de melhor exploração.

E como nessa sociedade todos procuram ir atrás dos grandes ganhos, é natural que nem todos respeitem a própria dig-

nidade e saibam desempenhar o papel lógico que lhes competirá representar, não sendo lobos de seus irmãos.

Por outro lado, os trabalhadores vendo os mestres, os engenheiros, os funcionários, bem trajados, sabendo que ganham muito mais, morando em casas amplas e bonitas, em conversa com os patrões, frequentando outra sociedade, naturalmente, tomam-no como inimigos, no que geralmente acertam.

Mas isso não quer dizer que não chegassem a um entendimento, na hora das grandes transformações em que as fábricas, as estradas, os navios, as terras, as escolas fossem entregues aqueles que lhes dão a vida e que as fecundam com o seu suor e inteligência e que por isso mesmo são os seus mais legítimos admiradores.

É certo que o trabalho manual, apesar de toda sua utilidade, tem sido considerado com repugnância e abandonado aos sem eira nem beira, aqueles que com pouca inteligência e sem meios não podem galgar um emprego público, um lugar nas classes médias, na carreira das armas, da magistratura, da medicina ou do clero, enfim da parasitagem mais ou menos dourada e ociosa. E até a maneira de designar a música, a pintura e a arquitetura por belas artes, assim como a poesia e a literatura por belas artes indica claramente, insofismavelmente o horror, o asco, a aversão que o trabalho braçal, o trabalho rude inspira às castas vadias que julgando-se superiores e desobrigadas dos rijos trabalhos que as mantêm na ociosidade, ainda acham justo mimosear com temor injuriosos os intrépidos heróis do trabalho e a missão por excelência civilizadora que exercem.

A paisagem regala-se com os gozos das belas artes enquanto as massas ignara e escrava morre de dor e de sofrimento no desempenho das artes servis que cimentam toda a obra da civilização humana. E os trabalhadores sem-lo úteis, trabalhando demais e exercendo os rudes trabalhos que os potentados os obrigam a executar, ainda por cima são vexados e desprezados, como se fosse possível que aquilo que causa o

seu tormento, constituísse ainda por cima um horrível crime.

Já, na antiga Grécia, Solon em suas disposições legislativas estabelecia: “Os rapazes pobres devem, primeiro de tudo, ser industriados na agricultura ou em qualquer ofício; os ricos devem frequentar os ginásios, cultivar a música, estudar a filosofia e dar-se a equitação e à caça.”

Como veem a concepção errônea de considerar o trabalho braçal incompatível com as castas ociosas é velha e revelha, e a força de ser repetida tornou-se um caso comum que não merece reparos.

E a quanto levou esta concepção idiota de considerar o trabalho manual coisa de pouca monta e desprezível, está-se constataando nas emergências atuais em que todos veem a salvação no mundo da produção, quando partem apelos instantes e veementes das bocas dos grandes governantes e dos grandes tubarões da finança e da industria, dirigidos aos operários, para que intensifiquem a produção, para que trabalhem com mais desembaraço, para que prolonguem o serviço mais horas durante o dia.

A isto respondem os trabalhadores, com carradas de razão, convidando os muitos conspícuos pais da pátria e das batatas a desmobilizar os exércitos, as polícias e todas as categorias parasitas, incluindo todos os burgueses, capitalistas, banqueiros, políticos e governantes e a ingressarem todos nas oficinas ou a irem para os campos aumentar a produção tão desfalcada e diminuta, podendo trabalhar depois as horas que lhes dê na gana.

Ao estribilho, trabalhai, trabalhai, trabalhai, responderam os trabalhadores: venham cá ajudar!

Mas, voltando ao assunto de que nos devíamos, o trabalho manual exige também função cerebral; o contrário seria julgar o trabalhador um simples autômato, o que não é verdade. Só pelo fato de qualquer realização já as faculdades mentais entram a agir. E os intelectuais nada perderiam se unissem à teoria a prática, o manejo das ferramentas, etc.

É de lamentar que o operário tenha tão restritos conheci-

mentos científicos, mas também a maioria dos teóricos na prática nada fazem. Por aqui se vê que o trabalho manual e intelectual, longe de se repelir, atraem-se mutuamente e complementam-se um pelo outro. E esse horror ao trabalho manual não têm razão de ser, antes pelo contrário cada vez precisa ser mais estimado. As religiões deram-no como uma condenação, um castigo, um flagelo de Deus contra o homem que faltou aos mandamentos que lhe vedavam o fruto proibido. Mas isto foi certamente esperteza dos sacerdotes que dessa maneira se furtaram a diária e pesada labuta com a desculpa de irem suplicar a Deus o perdão de seus filhos, pecadores por vontade do próprio pai. Mas, hoje, sabe-se que rezas e invocações, missas e cerimônias religiosas nem desarmam a Deus que nunca existiu, nem dão pão às bocas famintas. O Deus todo poderoso que é patente a todos e que a todos dá a vida, é o trabalho. Exercei-o, portanto, melhorá-lo, torná-lo mais produtivo, deve ser a tarefa máxima a que todos se dediquem, tornando extensivo a todos, como a todos são extensivos os seus benefícios.

O trabalho é a mola real do mundo. Quando todos o exercerem tornar-se-á muito mais atrativo e dignificado, podendo ser enormemente melhorado desde que a inteligência entre diretamente em seu auxílio. O trabalhador que seja ao mesmo tempo um pensador fará progredir enormemente as descobertas científicas e econômicas, do mesmo modo o pensador em contato com o trabalho e as realidades que o cercam, descido desse mundo nebuloso em que costuma encastelar-se, vivificará com uma luz nova tudo aquilo que toque. Hoje, trabalhadores e intelectuais vivem excluindo-se, desconhecidos e estranhos uns aos outros, sem razão nem motivo justificado. No futuro, porém, caminharão irmanados, igualados pelo trabalho dignificante e transformador, todos associados na tarefa superior de melhorar a vida, a inteligência e as faculdades do espírito, lamentando terem perdido tantos séculos de rotina e de ignorância que as conveniências burguesas e despóticas conseguiram impedir libertar e progredir.

O trabalho depois não será dividido em artes “belas e servis”, nem apreciado pelo ganho que pode proporcionar segundo as diversas profissões, mas só se terão em conta as necessidades dos indivíduos e da coletividade: todos os trabalhadores uteis serão honrados, e os inúteis e prejudiciais serão suprimidos, pois que ninguém tirará vantagem em produzir o que não presta ou o que é pernicioso.

Ninguém mais se valerá de seus diplomas para abusar e escravizar o seu semelhante, todos se podendo instruir e educar e só exercendo a profissão que mais se quadre com as suas inclinações e aptidões, podendo nas horas de descanso frequentar a escola, o teatro, o laboratório, sempre alargando seus conhecimentos e saciando a sede de saber, de filosofia e de ciência, ou divertir-se nas doces práticas familiares, no conchego morno e suave de sua habitação, rodeados de tenros e inocentes filhinhos.

Todas as profissões uteis se equivalerão pela soma de utilidade que produzem e com que favoreçam a vida humana encarada sob o tríplice ponto de vista econômico, moral e artístico da coletividade. Nem há que discutir preponderâncias possíveis de uma sobre a outra, porque de futuro trabalhar-se-á para aumento geral da felicidade universal, não como concorrência comercial para produzir fortunas nababescas adquiridas de modo ilícito e imoral. O trabalho será organizado em comum, em perfeito pé de igualdade entre todos os seus membros.

É pois tempo de reabilitar esse Leviatã que nos trouxe nada de animalidade até as que hoje somos na humanidade, dando-lhe o lugar que lhe compete e a precedência que lhe convém na hierarquia das utilidades, pois até hoje o trabalho manual têm permanecido no limbo das coisas pouco limpas e pouco honrosas.

Qualquer pessoa faz alarde e honra-se de ser médico, engenheiro, professor, funcionário público, oficial do exército, como se qualquer dessas profissões valessem mais do que ser pedreiro, padeiro, sapateiro, agricultor, etc. Não negamos a

utilidade dessas profissões, mas também não lhes reconhecemos nenhuma superioridade sobre os mais modestos ofícios.

Os trabalhos sendo úteis equivalem-se a todos. O engenheiro, o pedreiro, o pintor, o arquiteto, são todos unidades úteis das escolas, das oficinas, sendo que os operários corrigem muitas vezes os técnicos. O médico, o farmacêutico, o enfermeiro, o coveiro são todos indispensáveis para o tratamento da saúde dos vivos e para facultar sepultura aos mortos.

Lembre-se da última epidemia.

O grande receio das autoridades era o de não haver ovas suficientes por falta de coveiro. Naqueles apertos a profissão de coveiro era uma das primeiras, das mais úteis e necessárias.

A salvação dos vivos dependia do enterrar os mortos.

Assim, pois, essa superioridade com que se inculcam as profissões liberais, de fato não existe e nem se justifica. Todos esses que se sobressaem pelo talento e pelo saber, e que não nos furtamos em reconhecer-lhes, adquiriram-no a custa do trabalho manual. Se este não constituísse casas, não fizesse vestuários e calçados, não cultivasse os campos, não concorresse de modo eficiente para a manutenção do burguês e de sua família, este não poderia mandar seus filhos frequentar aulas e cursos onde adquirissem conhecimentos e diplomas que os trabalhadores não conseguem em virtude mesmo de serem trabalhadores, isto é, de trabalhar para os outros.

Portanto, cessem todas as diferenças e todas as prevenções entre os diversos trabalhadores.

Não há lugar para dissidências e divergências injustificáveis. Ao contrário, o que é de aplaudir é o acordo, a harmonia, a solidariedade entre todas as classes homogêneas, isto é, entre todos os indivíduos que concorrem com a sua parte de utilidade para o bem comum, vivendo do seu salário, ao serviço dos patrões ou dos Estados.

Os intelectuais podem ensinar muito aos manuais, e estes por sua vez ensinarão aquilo que a prática e a observação lhes

têm feito adquirir, os tornando os primeiros também manuais, e os segundos também intelectuais, numa permuta recíproca de serviços, de interesses, de objetivos, de atividades, de iniciativas úteis e proveitosas.

Um anexim muito grato ao paladar burguês diz que “a ociosidade é mãe de todos os vícios”, mas só o aplicavam ao maltrapilho que por falta de quem lhe alugasse os braços se via na dura necessidade de prevaricar e cair nas malhas da lei.

Hoje, porém, os fatores do problema estão postos nos seus justos termos e o operariado também repete em coro o velho preceito: “ociosidade é origem de todos os vícios”, significando com isso que todos os burgueses que não trabalham em serviços proveitosos, não passam duns perigosos viciados que só se regenerarão pelo uso sistemático e obrigatório dum trabalho útil que discipline as forças e dê convergências às energias e aos esforços comuns. Guerra, pois, de morte aos ociosos, e a todos os parasitas e vadios que infelicitam as camadas populares extorquindo-lhes o produto de seu trabalho extenuante.

Queremos estabelecer uma sociedade justa e equitativa onde não exista exploração de qualquer espécie, onde os instrumentos de trabalho, as terras as fábricas e as oficinas pertençam de direito à humanidade trabalhadora e não a meia dúzia de abutres sempre insaciáveis e insatisfeitos de sangue e de suor das pobres abelhas laboriosas.

E é para realizarmos este ideal nobre e elevado de felicidade, de liberdade e de magnanimidade social que precisamos do esforço e da colaboração de todos os trabalhadores intelectuais e manuais exortando-os a uma aproximação que se impõe evidenciada pela luz nova que brotou da celebrada fórmula revolucionária russa: quem não trabalha não come!

Conclusão

Eis-nos chegados ao fim de nossa perlustração, rápida é

verdade, através do domínio e da fórmula, já hoje com direitos de “cidadania” que resume a sorte dos que não trabalham e que consiste em negar-se-lhes direito à vida como parasitas que são da colmeia social em que vegetam, já que não vivem.

Vimos como as letras divinas e profanas, ditas pela boca de Deus na Bíblia, e por São Paulo na mesma fonte, são concordes em considerar que o zangão social como um cão sarnento sem direito à vida, a quem se deve negar o alimento e de quem todos devem fugir como duma praga, duma chaga, dum cancro que repugna à vista e horroriza a imaginação. Também os aforismos não deixaram de incluir na linguagem popular aquelas expressões simples que se agravam de modo indelével em espíritos ingênuos e que se vão transmitindo de geração em geração como filosofia da vida prática. Guerra Junqueiro, luminoso poeta, é também de opinião que os malandros, o vadios, os “almofadinhas” imprestáveis devem deixar-se morrer à fome, pois só assim nos livraremos de flagelos de bocas improdutivas e de cérebros desmiolados e desvairados.

Mas, mais eloquente de que todas essas afirmações teóricas, é o fato prático na Rússia, onde um artigo da constituição dos Soviets declara que quem não trabalha não come. Lá exige-se como condição essencial para ter direito ao alimento regular e diário, que seja trabalhador, que exerça qualquer profissão ou ofício, que concorra com sua parcela de esforço para o bem da coletividade, só assim restituindo à sociedade aquilo que a mesma lhe fornece.

Claro, os espíritos retrógrados, imbuídos das antigas fórmulas dos velhos quadros sociais, impregnados duma moral que está em atraso mais de dois mil anos com os tempos que concorrem, ficam apopléticos quando se lhes fala nestas coisas. Mas nem por isso nós deixaremos de clamar bem alto a queda próxima e definitiva desta sociedade podre e corrupta, para dar lugar a uma outra que tenha por base a justiça e por colunas a solidariedade e o trabalho para todos.

É uma necessidade patente, positiva, demonstrada. Todos gritam que há faltas de gêneros, que é preciso aumentar a produção, que há escassez de braços. Pois então é fácil resolver o problema. Que todos os burgueses, padres e soldados, que todos os encarceradores, funcionários e policiais fardados e à paisana venham aumentar e reforçar o exército dos trabalhadores empunhando a pá e a picareta e fazendo produzir todas as terras incultas. E só assim se desvanecerá a crise de subsistências. Pois se há tanta gente que come sem trabalhar.

Naturalmente que haverá deficit!

Dante, o imortal poeta da "Divina Comédia", colocou à entrada do inferno a terrível e condenatória inscrição: *Laciaste ogni speranza, voi ch'entrate*, exprimindo com isso a condenação irremediável a que estava destinado todo aquele que entrasse no terrível suplício, porque nunca mais sairia.

Pois é o que todos os trabalhadores devem aplicar a todos aqueles que se neguem a entrar no círculo do trabalho, da atividade e do esforço profícuo e são. Parafraseando o dito do sublime poeta, a condenação irrevogável e impiedosa que os operários devem aplicar a todos os parasitas, a todos os mandros e ociosos que enxameiam pelo mundo, explorando e sorvendo o suor e o trabalho de toda humanidade ativa e esforçada deve ser: **PERDEI TODA ESPERANÇA, Ó VÓS QUE NÃO TRABALHAIS, PORQUE MORREREIS À FOME!**

Sim, operários, trabalhadores, grava indelevelmente em vosso espírito, burilai fundamente em vossa memória, insculpi eternamente em vossa inteligência, riscai em todas as paredes, muros e portas, em todos os palácios e templos, gritai a todos os ouvidos e a todas as consciências, proclamai a todos os ventos, castas e raças, a insofismável e equitativa verdade a que a Revolução Russa deu corpo e significado universal: quem não trabalha não come!

Perdei, ó parasitas, toda a esperança! Estais severamente condenados: Não comereis sem trabalhar!

Artigos

Adelino Tavares de Pinho

Francisco Ferrer e sua obra

Adelino de Pinho

Discurso lido na comemoração de 13 de outubro. Publicado no jornal *A Lanterna* nº 266, 267 e 269 (out., nov. e dez. de 1914)

Senhores:

No seu testamento exprimiu Ferrer pouco antes de morrer o desejo de que em tempo algum lhe prestassem manifestações de caráter político ou religioso, pois entendia que esse tempo seria melhor empregado cuidando dos vivos. Mas, pois que Ferrer morreu e não é possível ressuscitá-lo, cuidemos dos vivos falando-lhe da personalidade e da sua escola.

Os detratores de Ferrer, ou melhor, da sua obra, acusaram-no de ter sido em tempos um simples empregado ferroviário, como se o desempenho duma humilde tarefa fosse incompatível com o desenvolvimento do raciocínio e com a disciplina da inteligência. Isto, no entanto, só prova que se dá mais valor ao aspecto da coisa do que a coisa em si. É como se apreciasse o caráter e a inteligência duma pessoa pela roupa, mais ou menos, pela moda que ela usa. Com isto demonstra que uma inteligência prática e possuída de ideias luminosas, ao serviço das causas justas, vale mais que um cérebro abarrotado de ciência, mas ao serviço da causa da exploração da humanidade e por isso mesmo só útil a quem dela aufere recursos. É que o talento só por si é uma coisa bastante estéril. O talento vale pelo que concorre para o progresso humano. Como prova de que Ferrer era um espírito superior dotado, leia-se o livro póstumo dele onde traz o resumo histórico da escola e lá se encontrará a melhor prova do que ele era um homem observador e analisador, um verdadeiro espírito crítico, na verdadeira acepção da palavra.

Ai, fala-nos de suas relações com Zorrilla; de quem era secretário, e a decepção tremenda que sofreu observando, registrando e comparando as palavras e os atos de todos os que eram familiares do grande chefe republicano, atraíndo este, isto é, abandonando o bom de Zorrilla e passando-se com armas e bagagens para a monarquia. Ferrer, que era republicano, em face destes manejos indecorosos, ficou cético a respeito de todas as formas de governo pela maneira indecorosa como procediam aqueles que se diziam paladinos dessa forma de governo.

Desapontado e tendo de lutar pela vida, lecionando espanhol em Paris, em contato com homens professando as mais opostas ideias, este meio tornou-lhe propício para observar, comparar, assentar ideias, adquirir convicções profundas. Tudo isso coroado com o aparecimento dessa mulher de coração, sra. Meunié, a quem conseguiu convencer da bondade das suas ideias, favorecendo esta senhora os fundos necessários para a fundação e desenvolvimento dessa obra que foi a Escola Moderna, com os seus cursos, as suas conferencias, a sua casa editora e a publicação dessas revistas para a renovação da escola que se publicaram em Paris, em Roma e em Barcelona simultaneamente, tendo sabido rodear-se de todos os elementos necessários para a boa marcha da tarefa que tinha em vista, captando a simpatia dos homens mais competentes em matéria pedagógica e tornando os colaboradores dessa obra grandiosa, já encomendando-lhes livros especiais para o uso de sua escola, já fazendo-os colaboradores das suas revistas.

E toda essa obra, presidida com tanto critério, seria obra de um homem inferior? Não, decididamente. Mais uma prova de que os diplomas nada valem. São um meio de atingir chorudas situações, mas raramente prova de talento verdadeiro.

Mas, pois que Ferrer tinha ideias assentes sobre o que queria realizar, possuindo uma inteligência robusta e decidida a não arrender-se nem uma polegada do caminho que tinha de-

terminado trilhar; e, por outro lado, sabendo por experiência própria que os políticos de todos os partidos do que tratam é de se imiscuir nas obras de caráter popular para arrebatá-las em seu proveito as simpatias gerais e desviá-las dos fins em vista, para salvaguardar os direitos desta sociedade ladravaz e jesuítica, Ferrer por mais que lhe cantassem as sereias não se arredou da obra que se tinha imposto, seguindo sereno, impávido e imperturbável, sem se inclinar para Pedro e para Paulo, antes estudando-os cada vez mais para aconselhar o povo a saber precaver-se deles.

Ora, isto pedra-os. Visto que ele não transigia e só pensava em desenvolver a sua amada escola, alargando de dia a dia o seu raio de ação, abrindo-se novas escolas por toda a Espanha, dia a dia publicando novos livros destinados a incutir no espírito das crianças ideias generosas e serenas, mas também incompatíveis com o estado atual desta sociedade podre e corrupta, resolveram prendê-lo. E nisto houve um acordo tácito, unanime, uniforme.

Reacionários como monárquicos, republicanos, como socialistas, todos tratam de lhe atribuir a autoria dos tumultos que se deram por ocasião do embarque das tropas para Marrocos e que já agora é conhecida como semana de julho. Já que ele era contra, pelo menos ele não os favorecia na guerra: quem não é por mim é contra mim.

Já todos sabem que Ferrer só por acidente, doença de pessoa de família, se encontrava naquela ocasião em Espanha e também todos conhecem o número de calúnias e de infâmias que a imprensa de todo o mundo teceu e espalhou, não só para deturpar e desviar a obra a que tinha dedicado toda sua energia e pela qual morreu heroicamente como vinha a homem de tanta virtude, mas também para lançar poeira aos olhos do proletariado de todo mundo que saiu a rua para protestar ruidosamente e estrepitosamente contra os canibais que lhe tinham fuzilado seu amigo.

II

Mas vejamos por que Ferrer mereceu a morte. Já salientamos o desapontamento sofrido por Ferrer em contato com os republicanos, pela maneira velhaca e incoerente como procediam abusando da boa fé e da boa vontade que era o chefe Zorrilla.

Descrente da política e dos políticos, convencido de que o povo seria sempre o rebanho de Panúrgio, que se deixaria tosquiar sem protesto, pelos charlatães astutos e manhosos que desde sempre, através da história, nada mais tem feito que viver explorando e vilipendiando a eterna criança no pensar, se bem que no físico, enquanto uma educação e instrução benéfica e luminosa lhe não penetrasse nos escaninhos mais recônditos do cérebro e do coração; mas convencido também de que a educação fundadas pelo governo e quaisquer outras congregações religiosas nada mais representa do que um sofisma, uma arma, um truque, pois não tem outro fim em vista se não criar crenças, humildes e obedientes à voz de Deus e à voz dos homens, gente que acredite piamente, cegamente, estupidamente nas armações de todos os pastores de rebanho, sem perguntar porque razão ou motivo, sem se dar ao trabalho de raciocinar sobre o como ou o porque de tais ladainhas, sem se interrogar dos motivos leva os homens a estabelecer fronteiras e barreiras, pátrias e guerras, e homens encarregados de mandar e outros submetidos a obediência – Ferrer meteu ombros à generosa tarefa, arcando com ódios e rancores suscitados pela ardente fé num futuro melhor, e porque ia ferir ideias, interesses e instituições seculares, se dedicar a obra racional, redentora e libertadora, de rasgar límpidos e largos horizontes ao mundo infantil, abandonando toda a casta de velharias supersticiosas e supostamente respeitáveis, para só incutir no espírito da infância ideias exatas, reais, comprovadas, experimentadas, de todo modo que a humanidade de amanhã não forme cauda atrás dos caudilhos que sempre cuidaram dos seus únicos interesses.

A livros feitos de retalhos onde a ciência e o conhecimento

são facultados às pilulas, pelo sistema de conta gotas, opções de livros feitos duma só peça com os necessários antecedentes e com a conclusão indispensável a coroar a obra em vista.

Rodeou-se dos professores indispensáveis, doou a sua escola dos apetrechos mais aperfeiçoados sobre tudo que dizia a respeito às necessidades do ensino e também às necessidades físicas e higiênicas dos alunos. Estabeleceu laboratórios, museus, cursos de higiene e inspeção médica.

Com o fim de formar um ambiente favorável aos alunos, quando saíssem da escola de modo a atenuar quando pudessem os defeitos educativos das famílias dos alunos, estabeleceu conferencias públicas dominicais, destinadas especialmente às famílias dos alunos e que versavam sobre higiene, fisiologia, geografia e ciências naturais, biografia de homens progressistas de todos os tempos, mortos e perseguidos pela ferocidade de todos os governantes, tudo isto com o intuito simpático de que os esforços convergissem para o aperfeiçoamento da sociedade pela educação, pelo melhor conhecimento das leis da vida e das leis do progresso humano.

Estas conferencias também tiveram um exito extraordinário pela concorrência de gente de todas as idades e de todas as profissões que a elas acorriam, ávidas de ouvir a verdade desde sempre sonegadas ao povo. Foi um sucesso que um jornalista de Barcelona qualificou de “missa da ciência”.

Estas conferências eram feitas ao domingo de manhã e ao passo que os salões da Escola Moderna regurgitavam, as Igrejas continuavam vazias. Isto irritou sobremodo os padres e respectivos comparsas e, no momento oportuno, ao aparecimento do programa do terceiro ano, os jornais reacionários de Barcelona fizeram-se eco de notícias tendenciosas, insinuando insidiosamente falsidades e citando palavras isoladas do progresso referido como “prescindir de dogmas e sistemas, livrando o mundo de dogmas autoritários, sofismas vergonhosos e convencionalismos ridículos”, lembrando que a primeira

coisa que aconteceria seria negar Deus, muito admirados que a tal escola contasse com o concurso de dois doutores, etc.

Isto foi o simples vapor da água que se torna negríssima nuvem que cai e nos inunda. Isto foi o primeiro arreganhar de dentes. Desgraçadamente, colheram a vítima.

III

Certos, todos os elementos retrógrados de que Ferrer mais facilmente quebraria, de que torceria e convencidos de que ele era um elemento de valor que com o tempo lhes prejudicaria as tendas, resolveram prendê-lo. Já quando foi do caso Morral tentaram envolvê-lo, implicá-lo no caso só porque Morral era secretário da Escola Moderna. Conservaram-no preso quase um ano e foi arrancado das enxovias católicas da Espanha devido a agitação internacional feita a seu favor. Mas as hienas e as panteras vendo que a presa se lhe escapou desta vez, não desanimaram, certas de que atrás de tempo, tempo vem, e trataram de ir afiando as garras e preparando os dentes. Surgiu a semana sangrenta e Ferrer foi a vítima, não a única, mas a mais conhecida e também a mais precisa ao progresso do povo. Ferrer estava condenado para maior gloria de Deus e se não fosse daquela vez seria noutra, pois que a seita negra não perdoa aos espíritos livres a independência do seu espírito e do seu caráter.

Porque, senhores, convém frisar o seguinte: nesta sociedade em que vivemos, quem pretender levar uma vida coerente, isto é, praticar precisamente o que prega, executar aquilo mesmo que pensa, esse alguém pode contar, inevitavelmente, com os ódios e os rancores de todos aqueles que têm interesse de manter essa sociedade, que outra coisa não produz senão aleijões morais, mantendo uma educação tendente a fazer dos indivíduos manequins que defendam a pátria e se deixem matar pela defesa duns direitos que nunca possuíram, se precipitem apoliticamente sobre os indivíduos doutras pátrias e se despedacem mutuamente para gaudio dos grandes banqueiros e dos acionistas dos estaleiros na-

vais e grandes fábricas de espingardas e canhões.

E se não tivéssemos toda a história e edificar-nos desta verdade, a guerra que se fere atualmente além do oceano, essa conflagração europeia que neste momento ceifa dezenas e centenas de milhares de vidas dos nossos irmãos europeus, é suficientemente gritante e pavorosa para ninguém duvidar das afirmações feitas.

E para a prova de que a instrução dada pelos diversos sistemas de governo é com o fito único de os manterem de pé, pois é uma lei de que todos os organismos quaisquer são dominados pela lei da conservação e revolucionários na véspera, tornam-se conservadores e até mesmo reacionários no dia seguinte, aí temos o exemplo da Alemanha. Os amigos daquela nação ensurdecem-nos os ouvidos gritando-nos que é o modelo das nações, pois o analfabetismo na Alemanha existe numa proporção insignificantíssima, poder-se-ia dizer até: parece um fenômeno se encontrarmos uma pessoa que não saiba ler.

Mas sosseguem: essa afirmação não nos reduz ao mutismo. O que é que prova uma afirmação dessas? Única e simplesmente que o saber ler não é o suficiente para os indivíduos se saberem conduzir e que a pessoa armada do utensílio da leitura tanto o pode empregar no bem como no mal.

Para que serviu toda a instrução na Alemanha? Para desenvolver, aperfeiçoar, progredir e multiplicar os armamentos, os apetrechos bélicos, desenvolver o espírito da disciplina, militarizar, por assim dizer, a vida social, preparar e provocar a morte. E porque? Porque os dirigentes alemães tiveram o cuidado de, desde a escola, incutir, cultivar e manter a admiração pela guerra, a aversão pelo estrangeiro, enfim, preparando a mentalidade das massas para um dia as desencadear contra o mundo como estamos vendo. E isto convence-me de que é preferível encontrar-me em frente dum homem analfabeto, mas bem intencionado, de ideias pacíficas do que diante dum sábio com ideias belicosas. Porque o sabem ao serviço das más

causas é duplamente prejudicial.

Pois bem, concluamos. Era isto que Ferrer não queria. Ele queria, a par da leitura, o raciocínio, a observação, o espírito crítico, a experimentação. Queria indivíduos que não se submetessem a uma disciplina de ferro, de olhos fechados, sem conhecimento de causa.

Mas ouçamos Ferrer, que suas palavras são concludentes: “Se a classe trabalhadora se livrasse do prejuízo religioso e conservasse o da propriedade tal como hoje existe; se os operários acreditassem na profecia que afirma que sempre haverá pobres e ricos; se o ensino racionalista se limitasse a difundir conhecimentos higiênicos e científicos e preparasse só bons aprendizes, bons caixeiros, bons empregados e bons trabalhadores de todos os ofícios, poderíamos viver muito bem entre ateus mais ou menos são e robustos, segundo o escasso alimento que costumam permitir os míseros salários, mas não deixaríamos de continuar a ser escravos do capital.”

Quer coisa mais clara? Ferrer queria fazer, e fez enquanto viveu, obra essencialmente racional e libertadora, visando a saúde do corpo e a elevação do espírito.

Mas como estava em oposição a todas as ideias correntes, seus inimigos não lhe perdoaram o gesto, acostumados a verem os indivíduos, mal se pilham com algum dinheiro e esqueceram-se de sua humilde situação da véspera a procurar galgar as culminâncias do poder fazendo-se deputados e prodigalizando nos bordéis de alto bordo a fortuna, satisfazendo-se em serem adultos parvos e pelos tolos.

Ferrer não foi destes e por isso o mataram. Mas ele viveu nos seus princípios, com os seus prosélitos e se querem vingar a sua morte, se querem venerar e honrar a sua memória, estudemos a sua obra, adotemos os seus métodos, propaguemos as suas teorias, dedicando-nos de alma e coração ao desenvolvimento da Escola Racional.

Francisco Ferrer

Pinho de Riga
Boletim da Escola Moderna, ano 1, nº 1, 13/10/1918

Com os tempos que correm, em que só a morte e a destruição mostram despertar interesse e estimular energias, é de supor que o apóstolo do racionalismo já esteja apagado na memória de muitos que se indignaram quando do seu fuzilamento.

Mas, como a tempestade sucede a bonança, também esta guerra, por extensa que seja, por interminável que pareça, há de acabar, e, os homens de boa vontade, os espíritos esclarecidos, não deixaram de fazer surgir do sono do esquecimento essa figura de emérito educador que foi Francisco Ferrer e, o que mais interessa, fazer reviver a sua incomparável obra.

A Escola Moderna de Barcelona foi um monumento grandioso erigido por um paladino da instrução e da liberdade para a felicidade e glória das gerações novas.

O seu plano de conjunto, isto é, os fins que visava Ferrer com a sua Escola eram de tríplice objetivo: escolar, familiar e social. Percebendo perfeitamente que a Escola não se pode isolar da vida social, que é antecedida e seguida pela vida familiar, concebeu a ideia de atrair a família ao conhecimento das modernas concepções sociais, morais e religiosas, instituindo cursos de higiene e outros assuntos, para que as famílias com suas ideias errôneas e antiquadas não fossem um empecilho, mas sim um incentivo à obra educativa que se propunha realizar.

A biblioteca que publicou, espalhou jorros de luz em todos os cérebros que tiveram a dita de ler os livros que a constituíam e assimilá-los e compreendê-los.

Claro que os espíritos superficiais não compreenderam, talvez, obra tão meritória e de tão eficientes resultados para a

libertação dos cérebros infantis que frequentaram sua escola. Mas que ela era realmente útil, bem orientada e de resultados comprovados atesta-o o encarniçamento com que os jesuítas de sotaina, e sem sotaina, atacaram a Escola Moderna, e o espírito que a dirigia, não trepidando e nem recuando, - que bandidos! - em pedir a cabeça de seu fundador como castigo de suas opiniões racionalistas de suas concepções educativas e de sua educação pelos filhos do povo. E isto prova que Ferrer foi um precursor verdadeiro, que pôs o dedo na chaga e logo aplicou o cautério. E como premio de tantos merecimentos foi varado pelas descargas de um pelotão de inconscientes soldados, e morreu bradando: "Viva a Escola Moderna"!

A escola

Adelino de Pinho

Boletim da Escola Moderna, ano 1, nº 1, 13/10/1918

A Escola, com raras exceções, até aqui, tem sido um instrumento de exploração religiosa, dirigida, protegida e inspirada por padres, frades e caterva de ambos os sexos, com o intuito evidente de corromper o espírito da humanidade e desviá-lo do caminho do progresso, sustentando indefinidamente o domínio dessas chagas daninhas que são verdadeiras peias morais e intelectuais para a marcha ascendente do progresso. Este método escolar vigorou único, sem concorrência de algum outro durante séculos e todas as seitas religiosas aproveitaram do chavão da instrução para chamariz das massas, e como instrumento para inculcarem, no espírito das mesmas, aquelas fórmulas próprias e manterem o estado social que as castas diretoras apeteciam.

Mais tarde, quando o poder político quis sacudir o julgo religioso, isto é, sobrepor-se à igreja e conservá-la como subordinada e aliada, todos os Estados do universo tomaram como cavalo de batalha a instrução popular, o derramamento da instrução, a construção e abertura de escolas, o preparo de professores aptos e não já os sacristões como nas priscas eras, a instrução cívica, os direitos e deveres dos cidadãos, a instrução militar desde os tenros anos, etc., etc. E, como resultado por esse carinho pela instrução, ai temos a Alemanha que nos fornece o exemplo mais estrondoso, mais gritante e clamoroso do interesse que move os partidos políticos à conquista da Escola.

Como veem, em nada se diferenciam estes dois métodos, nem no sistema nem nos resultados. A igreja por obra e graça de deus e do espírito santo, não houve mal que não causasse

e nem calamidade em que não lançasse a pobre humanidade: ateou guerras; deu origem à inquisição, que queimou, caluniou, perseguiu e desgraçou tantos milhões de criaturas; sempre aconselhou obediência e resignação aos fracos quando diante dos fortes e, recolhendo os despojos de suas vítimas, enriqueceu-se, ficando senhora do universo enquanto a humanidade jazia escrava, miserável e confundida com a lama do chão.

O Estado apoderou-se da Escola e é inútil fazer-lhe o processo. Esta guerra, a mais terrível, calamitosa e desgraçada das guerras, é obra da Escola à serviço do Estado.

Pois bem; a esta escola que só preparam para a morte opôs Ferrer e sua Escola Moderna que preparava para a vida. Com a sua Escola propunha educar as gerações infantis em princípios inteiramente novos, em bases completamente racionalistas, em conhecimentos concretos. Uma educação despida de preconceitos, alheia à moral corrente do venha nós, baseada nos fatos e nos fenômenos naturais, na observação e na crítica racional.

Nada de fórmulas feitas, mas o aluno mesmo ser levado a descobrir o fenômeno, a causa ou a lei natural que a obedece. Não a apologia deste estado social, mas a crítica das instituições e a demonstração de que são um obstáculo à felicidade povo e daí a necessidade de se aniquilar.

E porque teve esta ousadia de contrariar as instituições de domínio e de escravização, mataram-no!

Honremos sua memória!

A escola, prelúdio da caserna

Adelino de Pinho
Revista *A Vida*, nº 5, 31/03/1915

A escola atual, confessional ou governamental, é a sistematização da violência. Exemplifiquemos tão audaz afirmativa.

A conflagração europeia, essa tremenda guerra que tão desastrosas consequências acarretou ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da humanidade, é um produto da escola primária.

Os estados modernos, compreendendo perfeitamente que a decadência da religião e com o desenvolvimento comercial e industrial das sociedades, era impossível manter na ignorância suína, dos tempos idos, as multidões abriram escolas, as mais que puderam, especialmente nas cidades onde os agrupamentos são maiores e onde as ideias se disseminam mais facilmente, porque há mais sociabilidade, para por esse meio lançarem mão dos cérebros infantis e modelá-los a seu bel prazer, enchendo-os de fórmulas metafísicas e abarrotando-os de palavrões estragados, como pátria, fronteira, estrangeiro e inimigos, acostumando os termos infantis a desconfiar dos outros povos e a precaver-se contra eles, o que leva os do país estranho a fazer o mesmo vice-versa.

Os professores primários transformaram-se numa espécie de instrutores de soldados e a escola surgiu como antessala do quartel.

A educação cívica e até os exercícios militares erigiram-se em dogma infalível, em bíblia e em evangelho.

As novas gerações, saídas desse antro de desmoralizações, que outra coisa poderiam dar a não ser bons soldados? A força de falarem ouvir de amor à pátria — dos ricos — de ver desfilar regimentos, de assistirem as paradas, de ouvirem

e entoarem canções ferozes de chauvinismo e hinos triunfais de guerra, tomaram como fim e missão a atingir serem bons soldados, obedientes à disciplina e à voz de seus chefes, prontos a arremessarem-se contra os trabalhadores em greve ou contra os povos de outros países, desde que os interesses dos monetários e ricos capitalistas assim o exigissem.

E quanto isso é verdade esta à vista de todos com as desgraças desenroladas desde agosto até agora na Bélgica, na Polônia, na França e também na Alemanha e Rússia e tutti quanti.

*
* *

Foi há dois séculos que Leibnitz pronunciou aquela frase célebre e verdadeira: “Fazei-me senhor do ensino e eu me encarrego de transformar a face do mundo!”. Todos os Estados a ouviram e trataram de aplicar à defesa dos próprios interesses. E como as primeiras impressões, que os cérebros infantis assimilam, deixam vestígios, impressões indeléveis para toda a vida, tratam de abrir escolas e de preparar programas adequados às necessidades reais da mente infantil, mas necessários à conversão perpétua e indefinida dos governos, com os regimes de castas, explorando o povo, e defendidas por soldados, filhos do povo, mas obliteradas as ideias pela influência nefasta da escola.

Mas o Estado não compreende tão bem quanto a Alemanha a verdade lançada pelo seu filósofo. Nesse país notou-se tão evidentemente a significação profunda daquele aforismo e a influencia decisiva da escola nos espíritos infantis, desviando suas tenras inteligências da natural tendência, que o movimento escolar foi enorme e quase o analfabetismo desapareceu. As consequências desse surto se ofereceram nessa emergência vendo-se a totalidade dos alemães educados como fieis e leais súditos do Kaiser “a quem juraram obediência e respeito” porquanto aqueles chama de “filhos da sua guarda”

e diz-lhes cruamente que se “os mandar atirar sobre os próprios pais, eles terão que obedecer”, marchar unidos à busca da morte.

E quem preparou esses espíritos a uma submissão tão passiva e incondicional? A escola oficial!... Era natural, pois tantos desvelos pelos filhinhos dos pobres deveria levar água no bico!...

Mas temos mais. Não é só da Alemanha que temos que dizer. Lá está a democrática França, que em mais pequenos pontos não fica atrás de sua rival. Terra da revolução, da proclamação dos direitos do homem, derrubou a realeza e a aristocracia; terra de socialismo, de sindicalismo, de anarquismo e antimilitarismo, donde os revolucionários de todo mundo espirrasse a fagulha que incendiaria a Revolução Social por todo o universo, o que fez? — Caminhou para a fronteira para deter o inimigo. — Mas depois de se ter desembaraçado dos inimigos internos: burocratas de toda espécie, juizes, merceeiros, especuladores, agiotas e capitalistas?

— Não, tudo isso ficou em paz. Nem com a ponta de um alfinete foram molestados. Pelo contrário, valem-se das circunstâncias atuais para se defenderem. E até muitos (quem o acredita?) desses chamados revolucionários sociais foram arrastados não só para a frente da batalha, mas, o que é pior, a fazer declarações um pouco intempestivas e em desacordo com a ideias antes emitidas. Fizeram mal? Fizeram bem? E chi lo sá? O tempo o dirá.

Não nos iludamos. Todos esses, sob o verniz das ideias espalhadas durante o tempo de paz, ocultavam, como a cinza o fogo, as ideias bebidas com o leite materno e fortificadas, reforçadas e desenvolvidas, na escola primárias por esses agentes governamentais — os professores — que são obrigados a cingir-se aos programas são forjados tendo em vista a estreiteza e o acanhamento das ideias. Porque ideias boas só as que os governantes defendem, para gaudio de seus estômagos e seus prazeres. É certo que assim criam-se rebanhos, não se formam coletividades. Precisamente, rebanhos que se deixem tosqui-

e que se dilacerem mutuamente em sinal de amos, assistindo estes como de palanque a brigas de touros, é o que desejam.

*
* * *

Concluamos: Todo esse carinho revelado pelos mandões a respeito da instrução do povo, não é sincero, nem honesto, nem desinteressado, mas somente uma manobra habilíssima para se apoderarem dos filhos dos trabalhadores e pregá-los, como já aconteceu aos pais, amolgando-lhes os cérebros e deprimindo-lhes o caráter, a serem obedientes, humildes, submissos e respeitadores do status quo, bons manequins dentro da oficina, quando há necessidade de produção, e bons manequins no campo de batalha, quando os stocks de mercadorias abundam nos armazéns e se faz mister conquistar mercados a força de pulso, a ferro e fogo, para dar saída aos produtos invendíveis.

De sorte que os trabalhadores não saem desta alternativa: serem carne de oficina e de canhão!... Mas não haverá meio de abandonar esse agudo dilema?

Vejamos: demonstrado como fica a influencia primacial que as primeiras impressões exercem no ulterior desenvolvimento individual e coletivo dos indivíduos, e por outro lado observando o cuidado que os governantes tem em se apoderar das escolas infantis para a transformação de instrumentos de embrutecimento e de domínio, já, naturalmente, todos notaram que é de máxima urgência e necessidade de abertura e manutenção de Escolas Racionais onde as mentes infantis desabrochem e se desenvolvam livres de toda a opressão e de toda a imposição. E se queremos, desejamos e aspiramos, um mundo melhor onde todos gozem a alegria de viver, satisfeitos da vida e libertos da fome, da opressão e da ignorância bestial; se queremos edificar este belo monumento, “a escola – a Escola Racional — é o PEDESTAL!”

S. Paulo, Março de 1915.

A Escola Moderna ou racional

P.

A Plebe, n.º 54, 28/02/1920

Que a escola racionalista é a escola do futuro não nos resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jesuíticos desta terra investiram contra as modestas Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais aos interesses das mais altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jesuíticos, reacionários, ultra conservadores e apoucados de prejuízo e previsão social.

E, fato curioso, havendo uma Liga Nacionalista com o escopo de matar o analfabetismo nesta terra de bandeiras, ninguém deu fé que dita instituição protestasse contra o ato abusivo e prepotentes dos governantes mandando encerrar escolas em uma terra de analfabetos, onde a maioria da população não sabe ler, o que é considerado o maior flagelo que aflige o Brasil. É que todos, gregos e troianos, como bons burgueses que se prezem de ser, entendem que a escola é muito boa só quando tem o fim de fortalecer o pedestal da exploração burguesa. A não ter a escola essa missão, acaba-se com a escola.

E os trabalhadores, diante disto, devem convencer-se que não há meio algum que force a burguesia deixar realizar a obra de evolução dos espíritos e da sociedade, e que só pela revolução é que poderão realizar as aspirações que os arrebatam e que os constituem, as suas necessidades.

Muitas vezes escutamos esta conversa:

— Vossas ideias são magníficas. A dificuldade é que o povo não está educado para por em prática e compreender o papel que lhe cumpre representar na futura sociedade. É preciso instruir o povo, abrir muitas escolas, realizar a educação do

operariado etc., etc.

É preciso muitas escolas? É verdade que sim. Mas o governo manda fechar as poucas que existem, como pensar em abrir muitas outras?

Eis aí a questão em que ponto está. Os trabalhadores tudo têm para fazer de seu impulso próprio. Nada têm que esperar dos governos, os quais nada farão que o concorram para a sua queda e para a libertação do operariado. Do seu próprio esforço, de suas íntimas energias, com o seu único sacrifício é que poderão os operários encaminhar-se à estrada que os conduza ao ataque e ao esfrelamento desta sociedade. É assim que o operariado no estrangeiro compreende e orienta a luta. Tudo por eles e nada a esperar de elementos falhos e estranhos.

Vejam, por exemplo, o que os trabalhadores espanhóis, reunidos em congresso de sua Confederação Geral do Trabalho resolveram a propósito da instrução. Leiam com atenção os leitores e capacitar-se-ão da alta significação do documento que vai a seguir:

Problema de instrução

“Considerando não só conveniente, senão necessária a criação de escolas racionalistas – ao passar a estudar a forma, bases e meios em que hão de estabelecer se, esta comissão encontra se, em primeiro lugar, com a carência do professorado competente; em segundo com a de meios materiais insuficientes para levar a prática essa necessidade sentida na medida que era para desejar.

Nestas circunstâncias, esta comissão, de momento só encontra esta solução:

Primeira: necessidade de criar um Comitê pró-instrução, agregado ao comitê confederal, que se encarregue do seguinte:

a) A criação de uma Norma Nacional, onde se elabore a matéria-prima, ou seja, o aperfeiçoamento de alguns cama-

radas já iniciados nos conhecimentos pedagógicos ou alguns discípulos que com vantagem têm saído de escolas racionalistas.

b) Que na dita Norma Nacional sejam recolhidos e educados os filhos órfãos das vítimas dos atropelos sociais, aproveitando para o professorado os que demonstrem inclinação e capacidade.

c) Ajudar moral e materialmente os sindicatos que, conhecidos o esforço máximo para pôr em prática esta necessidade, não possam chegar a sua realização.

d) Para pôr em execução o exposto deverar-se-á estabelecer uma cota obrigatória, que poderá ser de dez cêntimos por mês ou de uma peseta anual, que serão administrados pelo citado Comitê Nacional pró-instrução.

O Congresso, depois de acordar que para se executar o já exposto, se encarregue a Liga dos professores racionalistas, decide mais:

Que os Sindicatos que tenham forças e meios para o fazer, instituem imediatamente essas escolas e que tanto o Comitê pró-instrução como os sindicatos ao abrir essas escolas, tenham em conta as normas naturais e lógicas do ensino, devendo limitar o número dos alunos; que as escolas reúnam todas as condições de higiene, ventilação e alegria necessárias e que os professores sejam retribuídos de forma que não tenham que recorrer a outras ocupações para poder viver em decoro.

Para desenvolver a cultura os Sindicatos terão escolas para adultos, com caráter preparatório, afim de que os indivíduos adquiram os conhecimentos necessários para desempenhar os cargos administrativos e delegações, para desenvolver com acerto a propaganda, forma de sustentar as discussões com boa norma e pô-las ao corrente de toda a legislação social internacional e etc.

Que nobreza de sentimentos, que altivez de miras, que dignidade de atitude esta declaração encerra! Quantos burgueses haveria capazes de redigir um documento sobre um assunto

transcendente como este da instrução da infância com a superioridade de vistas e com a simplicidade, clareza e concisão de linguagem e de ideais como estes de nossos companheiros espanhóis, trabalhadores da mina e da oficina, redigiram?

Não há dúvida. A inteligência, a verdade, a força e o número estão com o trabalho. Ele vencerá. O futuro pertence-lhe. Ainda bem.

União e instrução, exórdio de uma palestra

Pinho de Riga
A Plebe, nº 124, 30/07/1921

Companheiros:

Tomando a palavra não poderia deixar a oportunidade para vos incitar a trilhardes o caminho da união e da instrução, pois só com estas duas alavancas do progresso é que podereis vencer todos os obstáculos que se oponham à vossa marcha para destinos mais elevados; só unindo-vos e instruindo-vos podereis atingir aquele grau de consciência e convicção capaz de vencer todos os empecilhos, todas as ciladas e todas as dificuldades com que os nossos inimigos costumam procurar impedir o advento de uma sociedade mais justa, mais benéfica e altruísta: é pela união que adquirireis a dureza do aço, a resistência do ferro, a rija do granito, a qual afronta todas as tempestades e todas as tormentas, mantendo-se insensível, sem mossas e sem arranhaduras. É pela instrução que conseguireis adquirir a consciência de vossa força, de vossos deveres e de vossos direitos.

Mas, a força, para ser benéfica, deve estar a serviço das causas justas, nobres e altruísticas, e isso só acontecerá quando o vosso espírito for esclarecido por uma sã e clara instrução, quando a vossa consciência possa discernir o justo do injusto, o belo do disforme, a verdade da mentira; quando vos não deixeis mais embalar pelo canto da sereia burgueso-capitalística, que outra coisa não deseja que manter-vos no estado de escravidão perpétua e de submissão perene e eterna.

Porque com as forças e atividades humanas dá-se um fenómeno semelhante ao que se opera com as forças naturais.

O vento produz furacões, mas aproveitado pelo homem faz girar as rodas dos moinhos, impele o navio em pleno oceano, transportando homens e mercadorias, ajudando-nos em nossa indispensável labuta. O mesmo acontece com a água. Algumas vezes os rios transbordam, causando desastres e inundações, arrastando árvores e casebres; mas se a água é conduzida pela mão do homem esclarecido, rega as plantas, torna fértil os campos, faz girar, também, os moinhos, e os rios foram também as primeiras estradas naturais que o homem sulcou com suas barquinhas e jangadas. A eletricidade produz luz e movimento por toda a parte; ilumina as casas, cidades e oficinas; movimentam as fábricas, os bondes, trens; serve para cozinha e para mil utilidades mais. Mas um pequeno descuido, um pequeno acidente que se produza e o homem é fulminado.

Assim, pois, não basta ter a força: é preciso também ter consciência dela e saber aplicá-la utilmente, proficuamente. E esta consciência adquiri-la eis frequentando a vossa associação, em convivência diária e cotidiana com os vossos companheiros de labuta e de miséria, discutindo, trocando impressões, tomando parte nos trabalhos associativos, inscrevendo-vos e fazendo vossos filhos inscrever-se como alunos em escolas já inauguradas; estudando todas as questões que se relacionam com a sociologia e com a questão social; procurando conhecer os grandes acontecimentos que se sucedem em todas as nações ditas civilizadas e que são como um prelúdio à grande e inevitável transformação que se está incubando e que não demorará em desatar em opimos e salutareos frutos de solidariedade e de igualdade universal.

Tendes, pois, a associação e a escola, dois baluartes da vossa defesa, duas cidadelas onde podereis elaborar todas as vossas aspirações, desejos e tendências econômicas, morais e intelectuais. Aproveitai-as, dai-lhe toda a vossa adesão, todo o vosso apoio, toda a vossa ajuda. Não recueis diante de fadigas, de esforços, de sacrifícios e de afãs para as robustecer, fortificar,

alargar e melhorar. A lei do progresso é a perfeição contínua, a evolução constante, a transmutação persistente.

Parar é retrogradar; deter-se é estagnar. Vede a água dos pântanos e dos charcos. Por falta de movimento cristaliza-se, transforma-se em um foco de mosquitos que semeiam por onde passam a moléstia e a morte. Ao contrário, as águas das fontes sempre correndo e as águas dos rios e dos mares sempre em movimento levam a vida, a alegria, a fartura e a abundância a todos os lados. Pois sede como as águas sempre agitadas. Vibrai a todas as ideias generosas; protestai contra todas as tiranias e despotismos; adere a todas as atitudes altruísticas e sãs; interessai-vos por todos os movimentos de reivindicação e de solidariedade universal, e, sobretudo, não adormeçais sobre os troféus das conquistas já ganhas, das vitórias já alcançadas. Os nossos inimigos não dormem.

Nada de tréguas, nem de armistícios, nem de contemporições. A luta não findou, está somente em meio do extenso caminho. A justiça e a igualdade campeiam ainda infrenes e insaciáveis esmagando em suas engrenagens os desprotegidos do mundo que são multidão inumerável e entre o número dos quais nos encontramos.

Seja, pois, o nosso lema: união e instrução, pois só pela íntima ligação dessas duas atividades poderemos alcançar a realização de nossos anhelos de felicidade e paz universal.



Adelino de Pinho e uma turma de alunos da Escola Moderna, em São Paulo, em 1925. Fotografia oferecida gentilmente por Magda Botelho (sobrinha de Neno Vasco), do seu acervo de família. Reproduzida por Alexandre Samis no artigo "Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil".

Novos horizontes, novas esperanças

Boletim da Escola Moderna
ano 1, nº 3 e 4, 01/05/1919

Indubitavelmente, estamos assistindo ao espetáculo mais curioso e promissor que já foi dado contemplar aos olhos humanos.

É um mundo velho cheio de podridões e tiranias que se desmorona com um fragor estrepitoso e que nenhuma saudade deixa, pelo contrário, sente toda gente um bem estar de alívio, lamentando não ter sido a mais tempo.

É uma sociedade caduca, jesuítica e corruptora que está prestes a desaparecer no sorvedouro de onde nunca deverá ter saído e cuja a missão se limitou a semear pelo mundo desditas sem conta; tantas lágrimas e sangue fez verter que nem todos os oceanos o conteriam em seus fundos e extensos leitos.

Este vil regime que alimenta todas as justas iniciativas, que sufoca todas as elevadas aspirações, que reprime pela força todos os movimentos reivindicadores está as vésperas de ser chamado ao tribunal universal para prestar justas contas de seus crimes, de suas usurpações, de suas violências e de seus arbítrios. E, esse tribunal, não encontrando atenuantes, condená-lo-á à execração universal, a ser pulverizado e reduzido a nada, pois só assim restará impossibilidade de continuar na continuação de sua série inenarrável de delitos de lesa-humanidade.

Este mundo parasitário em que a minoria calaceira predomina, legisla, desfruta, escraviza a maioria ativa, produtora e realizadora de todo o progresso social, tem os seus dias contados, vai desaparecer do globo por um breve prazo de tempo,

deixando o lugar vago para a implantação de uma sociedade justa e equitativa, onde reinem a solidariedade, o respeito, a equidade e o bom acordo porquanto só assim é que a humanidade poderá gozar e desfrutar dos benefícios da paz, do trabalho e do esforço comum.

E a infância, a criança; a meninice, esse mundo infantil que constitui as nossas mais fundas esperanças, que representa o futuro da humanidade, que é todo o nosso encanto e quem mais nos impele à conquista de um futuro racional, sensato e equilibrado bem se pode regozijar com o advento de um mundo novo que a vai cumular de cuidados, enchê-la de satisfações, proporcionar-lhe toda série de bem-estar, estima a felicidade que ela faz jus, que merece e solicita com sua graça, singeleza e ingenuidade.

Estabelecido um estado perpétuo de paz e de igualdade, a infância, hoje martirizada, esmagada, maltratada, faminta, rota, explorada, espancada, ignorante, rude, grosseira, transformar-se-á por encanto e gozará de todas as vantagens, terá todos os direitos, beneficiará de todas as possibilidades. Terá abundância de alimento, será agasalhada e vestida conforme as necessidades da estética e da temperatura, frequentará belas, espaçosas e claras escolas onde o ensino integral seja proporcionado a todos, indistintamente, sem preconceito, de raça, de classe, de cor e de pátria. Cidadãos do mundo, a nossa pátria não terá outras fronteiras fora mesmo dos limites da Terra que nos agasalha. De polo a polo toda a humanidade confraternizando, trabalhando, ajudando-se uns aos outros, alegres com a alegria comum, tristes com a tristeza dos outros. Hoje a tristeza, miséria e fome da maioria engendra a alegria, a fartura e o supérfluo de meia dúzia.

Mas isto vai acabar, eu vo-lo afirmo. Esta desigualdade irritante e odiosa chegou a seu termo, não se mantém mais de pé: oscila, desapruma e em pouco esfarelar-se-á em pó, o pó das grandes catástrofes, dos grandes cataclismos, dos grandes esforços.

Crianças, meninos, jovens, dai largas a expansão de vossos corações, acalentai as mais doces esperanças, a fé mais funda, os mais fagueiros e ridentes otimismo! Vai surgir o sol da justiça social que a todos por igual iluminará e aquecerá com seus raios e acariciará com seu brilho! Tende confiança nos destinos superiores da humanidade! Acreditai na próxima transformação da sociedade que muito concorrerá para vos alargar as possibilidades de serdes felizes, justos e respeitados! Regojizai-vos, que novas esperanças alentam os corações!

Com isso os fundadores da Escola Moderna muito se congratularão e só então é que sua missão e o seu programa poderão ser executados em toda sua plenitude.

Ó maio vermelho da redenção social, nós te saudamos com alvoroço!

O que nós prevíamos

Adelino de Pinho
A Plebe, Ano 2 nº8 12/04/1919

Quando os revolucionários sociais, socialistas, anarquistas e pacifistas idealistas, condenávamos, reprovávamos e hostilizávamos a guerra como uma catástrofe inaudita que arrastaria a humanidade em um sorvedouro de sangue, de ruína e de miséria, acusavam-nos de germanófilos e diziam-nos que os aliados estavam combatendo pela civilização e por tudo o que havia de mais nobre no gênero humano.

Nós, que conhecíamos um pouco de história e que estávamos acostumados a não nos comovermos com cantos de se-reias, não caímos em acreditar no tão exalçado desinteresse dos burgueses aliados e, se bem que reconhecemos grande culpa nos dominantes alemães, nunca julgamos nossos países aliados inocentes, e sempre afirmamos que a guerra era um negócio de comerciantes, de industriais, um meio de procurar novos desgastados para as mercadorias invendíveis e avariadas e conquistar novos mercados para os produtos dos diversos países.

E se bem o dissemos, melhor o demonstraram todos os governantes aliados logo que se firmou o armistício e se iniciaram as preliminares de paz.

Foi um tal despertar de apetites, um tal surgir de ambições, um tão desenfreado desejo de colônias, de territórios, de indenizações, que não sabemos como os delegados da paz se irão sair desse disparatado egoísmo.

Enquanto o urso esteve de pé, todos se conservaram de acordo para o derrubar. Depois de vencido, todos lhes disputam a pele e todos se escarneçam de um modo atroz em esquartejá-lo e reparti-lo pelos respectivos sócios. E aqui é que

aparece o busílis. Todos se julgam com mais direitos do que os outros a uma parte maior de despojos. E, necessariamente, nascem rivalidades, rancores, despeito de mal contidos, insinuações pouco lisonjeiras. São como crianças que ao partir o bolo sempre pedem a metade maior.

Durante as hostilidades sempre apelaram para o povo alemão, especialmente Wilson, para que fizesse a Revolução, insinuando-lhe a ideia de que, se corresse com o Kaiser e respectivamente o entourage, a maldita camarilha que o rodeava, que o inspirava e que o aplaudia, tudo se apelaria a uma paz justa. O povo faz a Revolução, entrega-se incondicionavelmente nas mãos dos aliados, fiado nas promessas de Wilson, mas o cenário mudou como por encanto, apenas o inimigo se rendeu. Vencido, derrubado do imperialismo teutônico, surgem-nos cinco imperialismos arrojando-se sobre a tão esperada presa e procuram dividir os despojos, talvez de um modo pouco fraternal, entre si, não admitindo o resto das nações deliberar, desconhecendo-lhes a existência e conservando-lhes à margem como coisa desprezível, como se só as cinco nações pudessem dispor do mundo a seu bel prazer.

E os revolucionários sócias que já conheciam os métodos de agir dessas velhas raposas, que são os diplomatas de todos os tempos e de todos os países, sorriam quando as grandes nações apelavam para as pequenas para que lhes acudissem no aperto onde se achavam. Eles já sabiam que quando se partisse o queijo, a partilha se faria sem a aquiescência e sem a presença dos cordeiros que se associassem aos lobos carniceiros. A luta era de lobos-cervais e os cordeiros só serviriam para fornecer mais lauto banquete na hora da escassez e da penúria.

Na ocasião do perigo muitas cortesias, muitas gaifonices, todos são sócios e aliados. Passando a tormenta só os leões tomam parte na distribuição da presa, na delimitação das fronteiras, na anexação de territórios que darão motivos a novas e futuras guerras... e os cordeiros, no fim, são chamados a balir e aplaudir as feras que hão de tragar.

Felizmente, os tempos inundaram. Não estamos mais nas negregadas épocas em que os potentados faziam e desfaziam, diziam e desdiziam, e o povo no eterno mutismo, como se não existisse.

Passou o tempo em que os déspotas e os sacerdotes de todas as religiões se apossavam do mundo para si e apontavam para o céu como refúgio do povo.

O povo sabe, hoje, que esse suposto paraíso é pura ilusão, é mentira redonda, é balela despudorada e quer e sabe a maneira de se apossar do mundo e aqui estabelecer o tão suspirado reino de beleza, da concórdia e da solidariedade universal. E, se depois da morte, houvesse esse tão falado céu, lá mesmo ele faria uma revolução e se apoderaria dele, e gozaria e melhoraria tudo quanto tocasse.

Os políticos e os governantes, por mais que se matem, não poderão fazer uma divisão correta e equitativa do mundo.

O vasto problema não pode ter uma solução desejado pelos governantes. Também estes viveram sempre a fazer do direito, torto, e do claro, escuro. Vivem de intrigar o mundo, de intrincar todas as questões que, postas com clarezas à luz meridiana, se resolveriam com facilidade estrondosa.

A solução para esta e outras questões só a Revolução Social, que se aproxima, que poderá trazer.

Com o advento de uma sociedade baseada no mutuo auxilio e no mutuo acordo; quando ninguém precise traficar, tripudiar e enganar descaradamente o seu semelhante; quando a produção estiver na mão do produtor que diretamente a passará para a do consumidor e cuja a produção se destinar a satisfazer as necessidades de todos e não como hoje um motivo de monopólios, de açambarcamentos, de negociatas, fazendo-a rarear para vender-lhe mais cara e, por isso mesmo, mandá-la para o exterior, para no interior atingir preços proibitivos e produzir a fome entre o povo; então, só então é que se resolverá o problema, porque se desaparecerão todas as fronteiras e todos se julgarão irmãos de uma mesma família e reinará a concórdia sobre Terra de todos.

Contraste flagrante

(A. de P.)

A Plebe, n.º 54, 28/02/1920

Há varias semanas que os sertões da Bahia se encontram em estado de guerra, em luta acesa e violenta contra o governo que no dizer dos opositoristas tem posto a saque o tesouro público, esbanjando seus dinheiros, delapidado as riquezas, faltado aos seus compromissos, não pagando aos seus funcionários nem respeitando a lei sob qualquer aspecto que se encare o problema etc., etc.

Nós não queremos por agora, pelo menos, investigar a quem cabe a razão, de que lado está a justiça, o direito, a verdade. A nós, neste momento, basta-nos constatar a neutralidade dos governantes, a indiferença dos jornais, a passividade das autoridades em face do que esta desencadeando no estado da Bahia entre os governantes e opositoristas, lutando a ferro e fogo, onde a dinamite tem sido empregada em larga escala, havendo, naturalmente, a esta hora, grande número de mortos, de feridos, de órfãos, de viúvas, devido a chacina estabelecida entre irmãos, entre conterrâneos, entre brasileiros, pois todos falam a mesma língua e habitam as mesmas regiões.

Quando os operários, por motivos influidamente mais justos, pacificamente, cruzam os braços e se negam a retomar o serviço nas fabricas ou nas oficinas até que sejam atendidas as suas reclamações, aumento de salário ou diminuição das horas de trabalho, os governos ou a imprensa, ao serviço dos industriais, iniciam campanhas formidáveis contra os escravos que querem mais pão e descanso, e não há calúnia nem ofensas que não embolsem contra os operários que nunca estão satisfeitos, sempre a perturbar a boa marcha das grandes

indústrias, com exigências descabidas, incitados por estrangeiros que querem desordenar a vida nacional e lembrando a polícia e ao governo a conveniência de trancafiar na cadeia, deportar e expulsar os audazes que não estão satisfeitos com as migalhas que lhes dão em troca de seu ingente esforço.

Qualquer cidade em tempo de greve ultra pacífica fica transformada em estado de guerra; as guardas reforçadas; as ruas cheias de cavalarias; ninguém tem a vida nem a liberdade assegurada, pois fica dependendo tudo do bom ou do mal humor dos delegados atrabiliários e arbitrários.

As forças conservadoras se mobilizaram-se para furar a greve, indo substituir os grevistas e fazendo abortar os objetivos dos pobres trabalhadores que são lançadas às pedras das calçadas, sem pão e sem trabalho. Os governantes pedem a cooperação das forças federais, sendo prontamente atendidos.

Pois agora não é uma greve pacífica que se declarou, restrita a uma cidade, a uma fábrica, a uma indústria. É todo um Estado conflagrado, são muitas cidades, muitas povoações, centenas e milhares de quilômetros fervendo em luta acesa, desesperada, usando cada qual dos melhores armamentos e das melhores munições que podem obter; e, diante desta labareda imensa de morte, de fogo e de violência, o governo federal e os governos estaduais assistem de palanque, como a tourada, ao desenrolar dos acontecimentos muito fria e calmamente como se a Bahia não fizesse parte do Brasil, mas sim da China.

E porque esta desigualdade de procedimento? Perguntará o leitor surpreendido.

Por motivos muito simples: os caciques e os caudilhos políticos entendem que eles e só eles é que podem armar os pobres tabaréus dos trabalhadores para disputar a supremacia política, quanto os contrários, os que estão de posse do queijo do poder se esquecem que os outros sócios e amigos também precisam de tirar a barriga da miséria. E, então, se não largam o poder a bem, o largarão pela força das armas, ainda que isso

custe milhares de vidas, desde que haja carneiros que prestem a matança para gaudio dos caciques.

Daí a neutralidade e a benevolência com que todos assistem ao desfecho do engalfinhamento, porque esperam reciprocidade de procedimento.

Com os operários pia mais fino. Estes não tem direito de beligerância, são uns pobres rotos, sem eira nem beira, acostumados à vida de escravos e que de vez em quando mostram o desejo de passar sem os seus senhores, os seus amos e a patrões, coisas que só em pensar constituem em uma profanação abominável. Por isso todos se unem para espezinhar, caluniar e escarnecer quando, abandonando as ferramentas, deixam a mina, o campo e a oficina entregues a inércia, ao sossego e a solidão pela ausência desses braços de ferros que tudo produzem e que nada auferem, que tudo movem em proveito dos outros deixando se despojar até das coisas mais indispensáveis à vida.

Esperamos, entretanto, que o operariado tire da comparação dos fatos a alta lição de moral que os mesmos encerram porque edificantes os são em extremo.

Fanfarronices burguesas

Adelino de Pinho
A Plebe, ano 2, nº 10, 26/04/1919

Logo em seguida à assinatura do armistício como consequência da revolução alemã e quando os espartaquistas, com Liebknecht à frente, se esforçavam por derrubar os atuais dirigentes germânicos, Poincaré, presidente da República francesa, entrevistado por um jornalista, declarou que a revolução era consequência de uma derrota militar e que as nações vitoriosas estavam imunes do bacilo bolchevista que atacava os organismos dos países vencidos.

Como resposta à esses pruridos egoístas de pensar na submissão eternas dos próprios súbditos, mal o sr. Poincaré acabava de expandir juízos tão otimistas a propósito das populações das nações vitoriosas, rebentam greves formidáveis, falando em constituição de soviets e de conselhos de operários e de soldados em países que ou ganharam a guerra ou se conservaram neutros e que nada perderam.

De modo que nunca de viu desmentido mais rápido e completo as fanfarronices presidenciais que se arrogam afirmar o desejo pessoal em contraposição com os desejos, necessidades e aspirações coletivas.

E, na França, também as coisas não correm de acordo com os desejos do seu presidente. Está ainda em vigor a censura, o conselho de guerra funciona, a liberdade de imprensa só existe para os órgãos de empresas financeiras e industriais pregarem o ódio entre os povos e desdobrarem uma campanha de feroz jacobinismo e de retrogradação, exigindo anexações, indeterminações e a pele do povo alemão inclusive.

Pois apesar de todas essas restrições ao pensamento e à liber-

dade aos trabalhadores, vejam que lá sucedeu e que é um fato característico da situação do mundo e da mentalidade operária.

Os empregados da estrada de ferro Paris Mediterrâneo, como apresentassem à empresa exploradora uma série de reclamações e não recebessem resposta alguma às suas pretensões, resolveram dar uma demonstração de sua força e coesão e, num dado dia, a uma hora certa, paralisar todo o movimento da estrada por um minuto apenas.

E, se bem o pensarem, melhor o realizaram. E assim, num dado momento, com espanto, maravilha e admiração de todos, o serviço da via férrea paralisou completamente: os télégrafos deixaram de funcionar; os trens detiveram-se nos pontos onde se achavam, foi suspensa a venda de bilhetes aos passageiros, enfim todas as atividades cessou durante nos domínios da companhia durante um minuto, findo o qual tudo recomeçou normalmente, como se nada houvesse acontecido.

Os diretores da empresa, os governantes e os jornalistas a soldo dos burgueses exploradores, diante desta façanha dos ferroviários, gritaram por vingança, esganiçaram por berrar os audazes que se decidiram se mostrar de um modo tão significativo o poder de sua força de coesão, a sua união e o acordo de suas resoluções. Para se salvar o decoro da justiça enviaram a conselho de guerra o secretário da federação dos ferroviários.

Depois os jornais inseriram telegramas referentes ao caso. O conselho de guerra francês condenou a um ano de prisão o secretário Midol, com a suspensão da pena. Quer dizer, foi condenado simbolicamente, porque aplicar-lhe sentença era um pouco difícil, naturalmente provocaria a greve, não de um minuto, mas de muitos dias, a greve geral e talvez a revolução, porque depois de chegar o fogo ao rastilho ninguém pode prever o resultado da explosão.

Metê-lo na cadeira era um desafio a todo o operariado francês e cuja a provocação ele não desdenharia. Para o absolver, como era de justiça, os que o tinham denunciado ficavam

em má situação. Assim, salvaram-se todas as aparências, não houve mortos nem feridos e solucionou-se o caso sem atrito de maior. É claro que as coisas não tomarão sempre esta feição acomodatória.

Mas onde eu queria chegar, era dizer que o mundo operário era um vulcão em ebulição e não há canto do globo que não esteja trabalhando pelas ideias revolucionárias. E as fanfarrônicas dos dirigentes não valem um tremço.

Contra-revolução alemã, os magnos historiões

A. de P.
A Plebe, nº 57, 20/03/1920

Como era de esperar, a ninguém causando surpresa, rebentou na Alemanha a contra-revolução; elementos militares a serviço da monarquia apoderaram-se do poder por um golpe de Estado... miserável de Ebert-Noske-Scheidmann os quais, arrotando valentia com os simples operários fugiram a toda pressa ao aproximar-se de Berlim o exército que os ia expulsar.

Os reles farsantes do socialismo democrata que preferiram afogar em sangue a Revolução Espartacista à terem de renunciar as cátedras de ministros; os renegados palhaços que tiveram a coragem de pôr a prêmio a cabeça de Liebknecht e Rosa Luxemburgo, eliminando da vida e da luta os mais nobres excelsos paladinos da causa da liberdade, com medo que eles dos derrubassem do pináculo da governança e do fastígio do poder, ensanguentando as mãos no sangue quente e generoso dos seus irmãos de véspera e desonrando-se com a repressão execrável levada a cabo contra os generosos revolucionários que pretendiam levar mais longe as consequências da revolução, e não mudar o rotulo e o nome dos comediantes do governo, diante de um movimento sério de tropas que não acharam outro recurso que não abandonar Berlim e apelar ao proletariado declarar a greve geral contra o novo estado de coisas que se ia instaurar!

Apelas para a greve?! Mas se os nojentos bandidos tinham reprimido a bala e tinham ameaçado com as mais hediondas represálias todo o movimento de carácter trabalhista, toda a ideia de greve geral, se mantinham o país em estado de sítio

desde a queda do Kaizer com o receio que algum movimento operário os derrubasse das gamela do orçamento onde tinham alcançado o mais alto lugar; se o operário grevista era tomado como inimigo e tratado como tal, como se atrevem aquelas máscaras sinistras a invocar a greve e o apoio do operariado nesta emergência desconcertante para os magnos historiões da política e quando o proletariado nada tem a perder com a mudança de amos, pois que tira-nos piores que os desalojados não irão ter certamente?!

Não viam então os negrados farsantes que a sua tática era errada, não compreendiam que incompatibilizando-se com as massas operárias, matando e encarcerando milhares de seus melhores, mas ativos e experientes membros, estavam fazendo o jogo das velhas castas, preparando a própria queda e criando uma atmosfera propícia a volta dos velhos donos, dos amigos mandões e militarões?

Não perceberam que com a insaciável sede de mandar, de domínio incontestável, manchando-se de sangue e de crimes na obra execrável da repressão comunista só prestigiavam a burguesia, a monarquia e o imperialismo que nunca tratou os operários daquelas forma bárbara, estúpida, cruel e sanguinária?

Mas não há que admirar. São capazes de tudo, as ações mais vis, das mais vis campanhas, esses heróis de pacotilha. Na sua carcaça prussiana, na sua mentalidade imperialista são incapazes de conceber uma ideia generosa, elevada e humana. Só um governo forte é que lhes agrada, especialmente tendo eles a vara de comando. Pela sua covardia, pela sua traição, pela sua anuência deixaram declarar a horrível guerra que pôs a humanidade às portas da loucura e da negra miséria que reina em todo o universo.

Durante quatro anos, pela sua pusilanimidade, sustentaram e prestigiaram o Kaiser e respectiva camarilha na política, ignóbil e repelente de manter a guerra, a todo o transe, sem consideração de nenhuma ordem.

Feito o armistício, em virtude da revolução desencadeada e para a qual não concorreram, apoderaram-se do poder e esmagaram a revolução que lá os tinha guinado, de uma maneira feroz, revoltante, indigna e aviltante.

Agora, um poder mais forte se levanta e os nossos heróis de entremês não encontram outro recurso senão apelar para a greve, para o apoio do proletariado, para a ajuda popular, para que lhes salve a capelinha, fugindo, pondo-se eles a coberto de qualquer surpresa desagradável.

Bando de sicários, corja de traidores, grupo de bandidos, saíbeis esta verdade dura: “quem com ferro mata, com ferro morre!”

Ao vosso desesperado apelo o operariado consciente responderá certamente com as armas de S. Francisco, cuspidos-nos na cara todo o infinito desprezo que mereceis, lançando-vos em rosto todo o caudal de ódio que desencadeastes com os vossos crimes. Foge bandidos, que a hora do ajuste de contas vai soar!

Ecoss e notas I

P. de R.
A Plebe, Nº54, 28/02/1920

Hoje não há plumitivo ou político que seja capaz de negar os direitos a que o operariado faz jus, que seja capaz de contestar a necessidade que os operários e todos os trabalhadores em geral têm de viver humanamente e racionalmente, como homens que são, participando da coletividade e concorrendo com todas as suas forças para a saúde e bem estar de todos os viventes.

Todos estão de acordo em admitir que o trabalhador é um homem como outro qualquer; ainda melhor que qualquer outro, portanto, não se fossem os trabalhadores, o que seria dos burgueses? — É verdade, o operário tem razão, deve viver com mais decência, com certo conforto, morar em casa higiênica, poder educar os filhos.

Porem, em virtude dos direitos por nós adquiridos, tendo em vista que é justo não tesar uns aos outros, compete ao operariado ser paciente, ponderado e circunspeto, pois com o tempo tudo se arranja de maneira a satisfazer gregos e troianos... e como quem espera sempre alcança... enfim, o tempo é bom conselheiro.

E é assim que, reconhecendo embora a justiça que assiste aos trabalhadores, os parasitas procuram adiar para as calendas gregas as resoluções dos graves problemas que agitam a sociedade contemporânea. Já o velho rei da França era da mesma opinião quando dizia: “depois de mim, o dilúvio!” A isto chama-se a tática de contemporizar, ir tentando, fazendo promessas vagas nunca cumpridas, adiar indefinidamente, até que um dia chegue a morte e os sujei-

tos tiveram o gosto de não renunciar às suas riquezas mal adquiridas, amassadas com o suor, o sangue e as lágrimas dos trabalhadores. É por isso que estes não devem fiar-se em promessas vãs, deixar-se enlear com os engodos futuros. Devem querer agora, já e já. Lá diz o aforismo: vale mais um pássaro na mão que dois voando.

Velha canção

Mais uma vez a imprensa a serviço da polícia e dos exploradores repetiu o estribilho da velha canção que consiste, quando alguma classe se agita em greve com o intuito de melhorar as suas condições morais e econômicas, dizer que, se bem as reclamações sejam justas e devam ser atendidas, os grevistas agem sob a influências de elementos estranhos à classe, estrangeiros exploradores do operariado, empreiteiros do desassossego *e così via*.

Um dos preconceitos das obras de misericórdia estabelecidos pela religião católica é — além de dar de comer a quem têm fome, de beber a quem têm sede, de vestir os nus — ensinar os ignorantes, e é nesse sentido que os trabalhadores mais conscientes, mas esclarecidos, se dedicam a, com as suas luzes, iluminar os cérebros dos seus irmãos mais atrasados com o fim deles poderem auferir mais um pouco de pão para si e para os seus.

É fato banal e corriqueiro irem as pessoas pouco versadas em leis ou completamente leigas em coisas de tribunais, consultar um advogado ou encarregá-lo de as representar no andamento do processo, visto ela não estarem a altura de seu empenho. E há também muitas associações burguesas e algumas ditas operárias que têm um consultor jurídico a quem pagam para as representar e defender os seus direitos postergados. E isto nunca levantou reparos, aceita-se como muito natural, lógico e permitido. E está certo.

Quando, porem, os operários ou as suas associações, prescindem do trabalho dos advogados de profissão e preferem solicitar... e a ajuda de algum outro companheiro de outro ramo do trabalho, que pertença a qualquer outro ofício ou indústria, o caso então muda de figura, e o pobre que procura orientar e indicar o caminho a seguir aos interessados tem tudo a perder com a sua atitude, recebendo da imprensa e da polícia os qualificativos mais pejorativos, desprezíveis e depreciativos que se podem imaginar e tendo como recompensa pelo seu esforço de guiar os seus irmãos de cativeiro à conquista da liberdade, a prisão e a expulsão.

Vejam o que sucedeu ao companheiro Vidal. Convidado aos trabalhadores municipais a orientá-lo sobre a vida associativa e sobre a maneira de encaminhar as suas relações à prefeitura, acedeu da maior boa vontade e prestou todo o seu concurso aqueles trabalhadores em greve. Mas a policia que não dorme e que não gosta de gente que orienta o operariado, lançou-lhe os gadanhos e até hoje ninguém mais teve notícia dele.

A Light, Matarazzo, Gamba e *tutti quanti* podem pagar e dispor dos advogados mais influentes, mais afamados e mais relacionados. Ao trabalhador desprotegido nem sequer é permitido que um outro trabalhador aconselhe, guie, esclareça, oriente, tome a sua defesa!

Decididamente, a democracia está completamente arruinada. Dizem que a lei é igual para todos! Está-se vendo.

Ecoss e notas III

P. de R.
A Plebe, nº 57, 20/03/1920

Na Argentina a polícia está em greve! Nuestros hermanos platinos continuam, desejam-nos mostrars de sua virilidade e de sua decisão caminhando a passos largos para o advento de uma sociedade nova. É extraordinário o número de lutas, de greves, de periódicos que o operariado daquele país sustenta com os olhos fitos no porvir promissor que a todos acalenta e a todos enche de esperanças risonhas e fagueiras.

Nem perseguições, nem cadeias, nem expulsões têm conseguido deter a onde de revolta e de aspiração de um mundo novo que move o operariado de todo o universo. Antes, com essas medidas, mais tem agravado os ânimos, os atritos, os choques.

Pois agora recebem um auxílio inesperado com a greve policial. Esta greve veio demonstrar aos proletários que os seus métodos de ação direta são os únicos que dão algum resultado, visto que até os policiais se aproveitaram para levar água a seu moinho. Assim, reuniram para apreciar as suas reivindicações e destacaram 8 de seus membros para apresentar aos seus superiores. Estes prenderam a comissão e seus companheiros abandonaram o serviço como protesto contra a violência sofrida por seus camaradas.

Os homens da violência a protestar contra violências sofridas! Mas isto é uma situação impagável. Os mantenedores da ordem, os perseguidores dos grevistas, os fura-greves, pondo-se fora da ordem, dando ponta pés na disciplina, insurgindo-se contra seus patrões, apontando para a greve, para fazer valer seus direitos! — Mas isto é o fim do mundo, dirão — O fim do mundo burguês, sem dúvida.

Cartas

Adelino Tavares de Pinho

Pocos de Caldas, 7 de Agosto de 1944
Meu caro Fenteado:

Chegou o Pioneiros do Magistério Primario.
Muito obrigado pelo exemplar oferecido e
pela amavel dedicatória. Mas muito mais
agradecido pela obra meritória que você
praticou reivindicando para esses obse-
ros e desconhecidos obreros da instrução popu-
lar o respeito e a gratidão que lhes merecem pelo
seu trabalho indefectivo, mal compreendido e mal pago.
Fiz ato meritório arrancar do sono do esquecimen-
to essas figuras dedicadas e modestas da instrução
paulista, ressuscitá-las, fazê-las circular com os con-
temporâneos e projetá-las para o futuro, para que
todos saibam e conheçam a origem e fonte das
maiores realizações. Você apresentou-as com defeitos e qua-
lidades, não para os condenar ou absolver, mas como
produto da época, dos costumes, do ambiente, sem po-
der agir de outro modo e por isso mesmo, sem neces-
sidade de outra justificação. Admiro-me como pôde,
no meio dessa balbúrdia de trabalho, de movimen-
to e de preocupações, ter tempo e serenidade para con-
ter e ordenar tão bem os assuntos tratados. O meu exemplar
tem folhas duplicadas que talvez façam falta a outro.
Recomende-me a seus amigos e receba abraços afec-
tuosos do am.^o ob.^o

Adelino Tavares de Pinho

Carta a João Penteado (1944)

Poços de Caldas, 7 de agosto de 1944

Meu caro Penteado,

Chegou o “Pioneiros do Magistério Primário”. Muito obrigado pelo exemplar oferecido e pela amável dedicatória. Mas muito mais agradecido pela obra meritória que você praticou reivindicando para esses obscuros e desconhecidos obreiros da instrução popular o respeito e a gratidão que eles merecem pelo seu trabalho indefetso, mal compreendido e mal pago. Fez ato meritório arrancar do sono do esquecimento essas figuras dedicadas e modestas da instrução paulista, ressuscitá-las para o futuro, para que todos saibam e conheçam a origem e fonte das maiores realizações. Você apresentou-os com defeitos e qualidades não para os condenar ou absolver, mas como produto da época, dos costumes, do ambiente, sem poderem agir de outro modo e por isso mesmo sem necessidade de outra justificação. Admiro-me como pôde, no meio dessa balbúrdia de trabalho, de movimento e de preocupações, ter tempo e serenidade para concatenar tão bem os assuntos tratados. O meu exemplar tem folhas duplicadas que talvez façam falta a outro. Recomen-de-me a seus manos e receba abraços afetuosos do amigo.

Muito obrigado

Adelino Tavares de Pinho

Logos de Baldas, 25 de Outubro de 1955

Meu caríssimo am. Sr. João Enteador
Muitas e cordiais saudações para o am.
e para a amavel familia a quem daré
as mais cordiais saudações.

Por cá me encontro de novo na terra do
meu exilio, após de tantos dias de pau-
liceia passados na mais grata e amig-
fosa companhia e gozados e apreciados
pela gratidão do custo e pelo bem que
souber am. A verdade é que em vida mi-
nha não me lembra duma quadra
tão agradávelmente vivida, em que corpo
e espirito tão harmoniosamente participas-
sem do bem estar da mudança e da melho-
ria do ambiente. Sim, tudo correu bem
de mais: melhorei de saúde, reví velhos ami-
gos e camaradas, saí deste isolamento em que
me encontro aqui, podendo conversar, ver
gente, ~~placido~~ ~~com~~ amigos e estranhos, com-
ver com as minhas adoradas netinhas, umas
meninas muito ladinas e inimizantes que me
enchem de alegria, de orgulho, de contentamento.
Foi por tudo isto, por me estar sentindo tão bem,
que me demorei tanto em regressar, cau-
sando-lhes a naturalmente incômodo e
despesa, além do tempo que seria necessário
por isso, peço-lhes muitas desculpas pelo estorvo ou
desarranjo que lhes possa ter causado, e muito agradeço
de momento em via a si e a seus estimados netos,
pela boa hospitalidade que me proporcionaram
durante tanto tempo. Queird, pois, apresentar
minhas saudações cordiais e agradecidas a Sr.
e a Sebastiana e ao sr. Joaquim e ao sr.
Enteador e a braços do am. devotado
Adelino Favres de Junho

Carta a João Penteado (1955)

Poços de Caldas, 25 de outubro de 1955

Meu caríssimo amigo Sr João Penteado. Muitas e cordiais saudações para o amigo e para a amável família a quem dará as mais cordiais saudações.

Pois cá me encontro de novo na terra do meu exílio após tantos dias de paulicéia passados na mais grata e amistosa companhia e gozados e apreciados pela graciosidade do custo e pelo bem que souberam. A verdade é que em vida minha não me lembro duma quadra tão agradavelmente vivida, em que corpo e espírito tão harmoniosamente participassem do bem estar da mudança e da melhoria do ambiente. Sim, tudo correu bem demais melhorei de saúde revi velhos amigos e camaradas saí deste isolamento em que me encontro aqui podendo conversar ver gente palestrar com amigos e estranhos, conviver com as minhas adoradas netinhas umas meninas muito ladinas e minuantes que me enchem de alegria, de orgulho, de contentamento. Foi por tudo isto, por me estar sentindo tão bem, que me demorei tanto em regressar, causando-lhes ai naturalmente incomodo e despesas alem do tempo que seria necessário. Por isso peço-lhes muitas desculpas pelo estorvo ou desarranjo que lhes possa ter causado e muitos agradecimentos envio a si e a seus estimados manos pela boa hospitalidade que me proporcionaram durante tanto tempo. Queira pois apresentar minhas saudações cordiais e agradecidas a Dona Sebastiana e ao Sr Joaquim e o amigo Penteado receba abraços do amigo devotado

Adelino Tavares de Pinho

Esta obra foi composta nas fontes Minion Pro e
Gentium Book Basic e impressa em gráfica digital sobre
papel Pólen Bold (miolo) e Supremo (capa).



A Biblioteca Terra Livre iniciou seu projeto editorial no ano de 2011 com o intuito de difundir o ideal anarquista através da publicação de textos inéditos ou pouco conhecidos em língua portuguesa. As publicações estão em relação direta com os demais projetos da Biblioteca. Assim, os primeiros livros surgiram a partir do trabalho dos Grupos de Estudos e foram lançados por ocasião do Colóquio Internacional Élisée Reclus, realizado no ano de 2011 em São Paulo.

- Escritos sobre Educação e Geografia

Élisée Reclus | Piotr Kropotkin

- Élisée Reclus: Retratos de um anarquista

Kropotkin | Rucker | Grave | Reclus | Costa

coedição:

Edições Negras Tormentas

- Geografía Social Austral

Maximiliano Astroza-León

coedição:

Editorial Eleuterio

Demonstrado como fica a influencia primacial que as primeiras impressões exercem no ulterior desenvolvimento individual e coletivo dos indivíduos, e por outro lado observando o cuidado que os governantes tem em se apoderar das escolas infantis para a transformação de instrumentos de embrutecimento e de domínio, já, naturalmente, todos notaram que é de máxima urgência e necessidade de abertura e manutenção de Escolas Racionais onde as mentes infantis desabrochem e se desenvolvam livres de toda a opressão e de toda a imposição. E se queremos, desejamos e aspiramos, um mundo melhor onde todos gozem a alegria de viver, satisfeitos da vida e libertos da fome, da opressão e da ignorância bestial; se queremos edificar este belo monumento, *a escola - a Escola Racional - é o pedestal!*